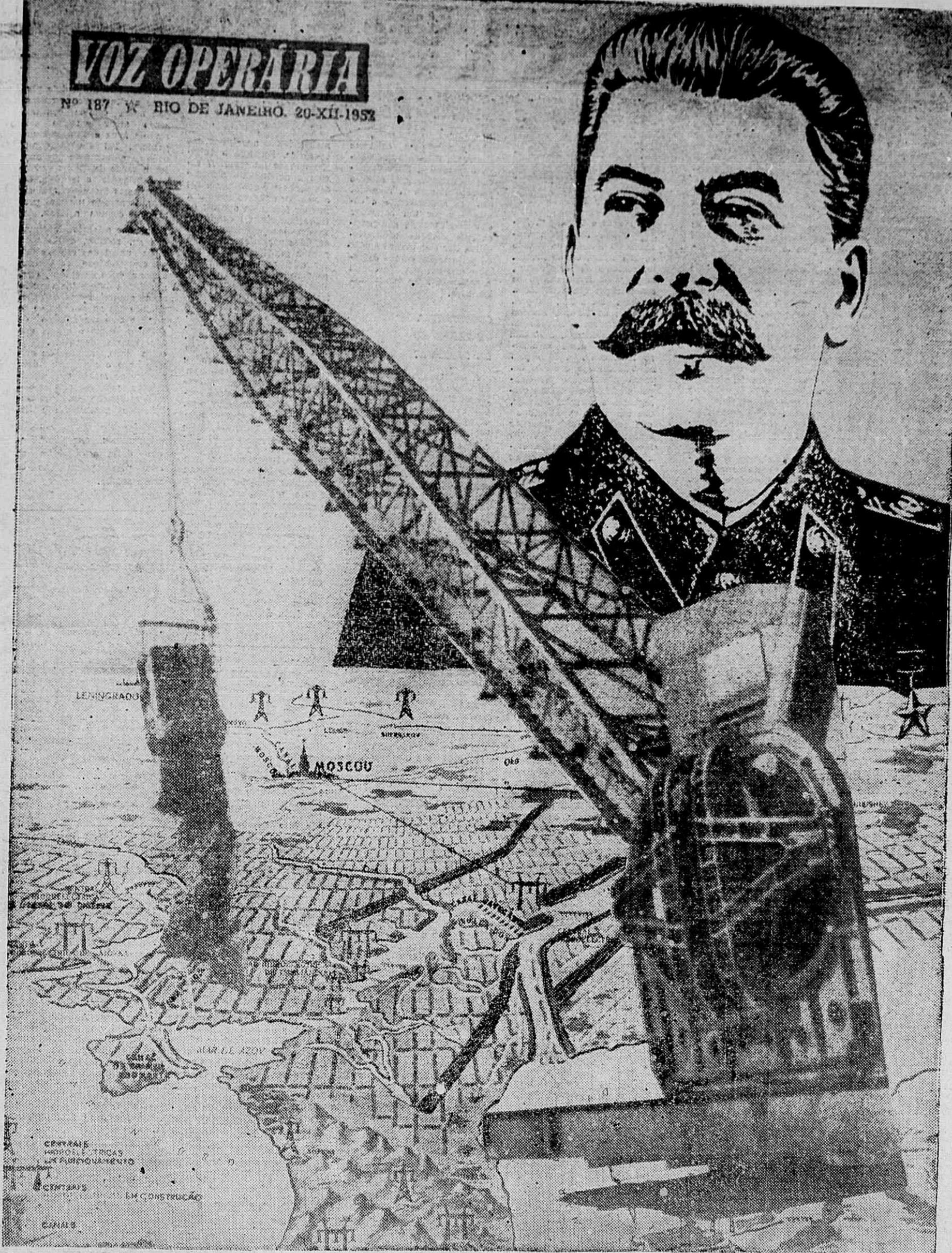


VOZ OPERÁRIA

Nº 187 W RIO DE JANEIRO. 20-XII-1952



SALVE O 73º ANIVERSÁRIO DE Stálin!

SALVE STALIN!

— SE temos Stalin, tudo vai bem. Estas palavras de carinho, de confiança e gratidão são pronunciadas mais uma vez por milhões de pessoas simples em todo o mundo. Stalin completa setenta e três anos. E a direção firme e sábia, corajosa e segura, sensata e audaz do chefe dos trabalhadores e guia dos povos do mundo inteiro faz sentir sua presença de gigante em todas as lutas e vitórias, desperta os nobres sentimentos que o aproximam do coração e da consciência de todo homem honrado.

Ao enfrentar seus inimigos mortais, que semeiam criminosamente os ventos da guerra e preparam trancocirramente a desgraça da escravidão colonial, nosso povo tem presentes as palavras luminosas de Stalin, que dão certeza na vitória, confiança nas nossas forças, estimulam para o combate patriótico.

Stalin, mestre emérito, nos mostra como hoje a luta dos revolucionários é mais fácil do que a luta que tiveram que travar os bolcheviques nos tempos negros do tzarismo. Hoje em dia, o principal inimigo, a burguesia reacionária, já não é a mesma daqueles tempos e perdeu a ligação com o povo. Antes ela grangeava popularidade ao defender as liberdades democrático-burguesas, a «liberdade da pessoa». Hoje, a burguesia pisoteia sua antiga bandeira. Agora mesmo vemos como é aprovada a nova lei de segurança do Estado, uma lei fascista que destrói a liberdade de cada cidadão brasileiro e coloca cada lar à mercê dos bandidos policiais. Vemos como o governo de Getúlio reprime greves, assassinando operários. Sim, Stalin tem razão. O inimigo do povo está sem máscara. É mais fácil derrotá-lo.

Stalin, o chefe que tudo vê com clareza, nos mostra ainda que antigamente a burguesia se considerava parte da nação. Mas hoje sua conduta é exatamente o contrário, sua política é a traição nacional. Que vemos em nossa pátria? É o próprio governo dos latifundiários e grandes capitalistas que desempenha em nossa pátria o papel imundo de administrador dos interesses dos imperialistas americanos contra o povo brasileiro. Já está Getúlio assinando e exigindo a ratificação do vergonhoso acordo militar com os bandidos militaristas de Wall Street. São os porta-vozes mais típicos das classes dominantes que consideram «traição» o fato de brasileiros se oporem às exigências dos americanos, que reclamam soldados brasileiros para atacar nossos irmãos e amigos coreanos e chineses, à imprecisão dos imperialistas que querem se apoderar de todas as nossas riquezas. Diante disso, Stalin nos diz:

— «Deveis erguer a bandeira da independência nacional».

Mas não é só por esses motivos que a luta é mais fácil e a vitória é mais certa. Existem a grande União Soviética, a gloriosa China Popular, as democracias populares cada vez mais poderosas. Os interesses da União Soviética, diz Stalin e a realidade o confirma a cada minuto, não são contra, mas, ao contrário, se fundem com os interesses dos novos pacíficos. Apreciar a URSS, defender a URSS é, em primeiro lugar, apoiar e defender os interesses vitais e o desejo de paz de nosso próprio povo.

Nosso povo é grato ao grande Stalin por estes ensinamentos de seu último discurso no XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. No dia do seu aniversário, os patriotas brasileiros saudam o amigo, o mestre querido:

— SALVE STALIN, CAMPEÃO DA PAZ!

VOZ DOS LEITORES

Os "Paus de Arara" Rodam Para Jafet

CARTA DE UM OPERÁRIO DA TECELAGEM IPIRANGA JAFFET

A Fiação e Tecelagem Ipiranga Jafet vem trazendo do interior do Estado de São Paulo, ou do nordeste, centenas de camponeses, empregando-os no campo de concentração que constitui a empresa têxtil, de propriedade do tubarão Ricardo Jafet, destacado figurão do governo de Getúlio. O homem encarregado desse criminoso aliciamento atende pelo nome de Naranjo e recebe polpudas gratificações por camponês que emprega. Para conseguir seu intento, Naranjo, usa um baixo expediente e que consiste em prometer trabalho fácil, Cr\$ 2.000,00 mensais, casa de graça, creches e escolas. Todavia ao chegar à fábrica o trabalhador conhece o verdadeiro sentido das promessas daquele chefe e logo se dá conta da terrível miséria que terá de enfrentar.

OS «APARTAMENTOS» DA IPIRANGA

A «casa de graça» que Naranjo promete aos trabalhadores aliciados para o trabalho têxtil não passa de uma deslavada mentira. Na realidade o operário para poder morar nos chamados «apartamentos» da fábrica tem de pagar Cr\$ 1.100,00 mensais e ainda assim somente se um outro parente de sua família está trabalhando na tecelagem. Além do alto preço que se paga pelas moradias o trabalhador tem que se sujeitar ao regulamento interno da empresa que proibe a entrada nos «apartamentos» depois das 23 horas e que ordena o corte da luz após às 24 horas. Por outro lado a falta de água atormenta os moradores do conjunto residencial, revoltando a todos a atitude de Jafet que não permite apa-

nhá-la num poço existente dentro da fábrica o que obriga o pessoal a fazer grandes caminhadas para obter o precioso líquido. A fiscalização dos apartamentos é comandada por um bajulador chamado Gustavo, que pratica toda sorte de arbitrariedades. Por esse motivo é odiado pelos trabalhadores da fábrica que um dia perderam a paciência e lhe deram uma boa sova.

COOPERATIVA OU BARRACÃO DE FAZENDA?

A exploração na Fábrica de Tecidos começa desde o fornecimento da alimentação e vai até a já famosa «cooperativa interna». O almoço que antes era cobrado a razão de Cr\$ 5,20 está agora sendo vendido a Cr\$ 9,20, sendo a comida antes como agora horrivelmente cozinhada. A «cooperativa» em tudo se parece com os conhecidos «barracões» das fazendas. Sua finalidade é «enterrar» os operários de dívidas. Todos os gêneros de primeira necessidade são vendidos muito mais caro do que os encontrados nas vendas e empórios. Podemos citar ainda o caso das «creches» mantidas pela fábrica com horários subordinado aos interesses de tubarão Jafet. As mães que trabalham no primeiro turno deixam seus filhos às seis horas da manhã e só poderão amamentá-los às 10 horas, quando só o apito do almoço. Depois disso somente às 17 horas, no final do trabalho, é que poderão novamente alimentar seus filhinhos. É comum nessa hora a operária encontrar a criança faminta, quase a morrer de fome.

OS TRÊS SETORES DA IPIRANGA

A indústria têxtil Ipiranga divide-se em três grandes setores de produção. A fiação com três turmas no trabalho, abrangendo um total de 1.900 operários; a tecelagem com 1.100 trabalhadores e finalmente a estamparia com 700 operários. Toda esta coletividade de 3.700 têxteis está submetida ao mesmo regime de exploração. As refeições são feitas com as máquinas em funcionamento em meio ao pó do algodão. Os menores por sua vez trabalham em excesso, executando as mesmas tarefas dos adultos, e recebem salários inferiores aos destes, em sua maioria a metade. Mesmo os operários que trabalham nos três lados da máquina não conseguem superar o salário mínimo. Apesar dos grandes lucros que a fábrica obtém com a venda da tricoline, da luizine e do brim, os operários por sua fabricação recebem somente Cr\$ 0,70, Cr\$0,80 e 33 centavos por metro. Enquanto Tufi, um perseguidor tenaz dos operários, recebe Cr\$ 10.000,00 mensais os trabalhadores da Ipiranga trabalhando atolados nas tintas da estamparia ou em outras seções recebem Cr\$4,69 por hora.

UMA ESCOLA DE OPRESSÃO

Jafet abriu na tecelagem uma escola. Uma escola destinada a não ensinar as pri-

meiras le... aos filhos dos operários. Por isso o tubarão não se interessa. A escola é destinada somente aos mestres e contra-mestres e tem por objetivo ensinar a melhor forma de oprimir os trabalhadores. Os «professores» são especialmente escolhidos por Jafet e recebem gordas gratificações. As aulas orientam os mestres e contra-mestres para os melhores métodos de oprimir os trabalhadores, dissolver sua organização coletiva e para a destruição das mais sentidas reivindicações do operariado. Apesar das ameaças feitas pela direção da empresa muitos mestres e contra-mestre recusam-se a participar destas «aulas» preferindo arriscar uma suspensão de seis ou mais dias. Não se pode esquecer neste relato o principal bajulador e perseguidor dos trabalhadores da Tecelagem Ipiranga. Dentre muitos um tal conhecido pelo nome de Leonidas, se destaca, sendo a figura mais odiada. É o «homem da capa de couro» antipático e violento. Além deste encontramos o Pintado, o Amaro e o Orestes da fiação que são igualmente desprezados pelos trabalhadores da Tecelagem Ipiranga Jafet.

(Rui da Silva Menezes)

Roubam até Dos Presos

Escreve-nos um detento de Pelotas, Rio Grande do Sul: Saudações. Na cadeia civil local, há poucos dias, foi ventilada entre os detentos a questão da péssima alimentação, fato que logo depois foi levado ao conhecimento dos responsáveis, a fim de que tomassem providências. Queríamos uma alimentação mais

saudável. Mas até a data presente a situação é a mesma, pois nossa comida continua sendo arroz e feijão cozidos na água e sem nenhuma gordura. Tal é a má qualidade da alimentação que abala a saúde de todos os que são obrigados a tragá-la. Os desarranjos intestinais, as cólicas, tornam-se um mal permanentemente comum a todos.

Ao que estamos informados, sr. redator, existe uma verba anual de cento e dez mil cruzeiros que se destina à manutenção da cadeia. Ora, a referida importância não seria absorvida com o fornecimento de apenas feijão e arroz e com um número de detentos como o atual que não excede de vinte. Por outro lado, somos de opinião que o cozinheiro deve receber ao menos uma gratificação mensal, pois trata-se dum detento que vem trabalhando gratuitamente há meses.

Esperamos que a publicação desta nos ajude na luta pela preservação de nossa saúde».

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE
LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco,
257 - 17º andar - Sala 1712
SUCURSAIS
SAO PAULO - Rua dos
Estudantes, 84 - Sala 29;
P. ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl 48
RECIFE - Rua da Palma,
295 - Sala 205 - Ed. Snel;
SALVADOR - Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA - Rua Barão do Rio Branco, 1248 - Sl 22
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVADOR e BELEM.

AOS NOSSOS LEITORES

Em nossa edição de 6 do corrente (n.º 185), dirigimos um apelo aos nossos leitores para que escrevessem com maior frequência para a VOZ OPERÁRIA. A correspondência, para um jornal revolucionário, é absolutamente indispensável. Não há redação — ensina a «Pravda» — por mais numerosa e eficiente que possa substituir os correspondentes.

Eis por que voltamos hoje ao assunto. A VOZ OPERÁRIA pede aos seus leitores e correspondentes que lhe enviem cartas narrando como vivem e como trabalham os operários, os camponeses, em tal ou qual empresa, citando fatos concretos, nomes, episódios que, uma vez divulgados pela VOZ possam ser utilizados pelos milhares de leitores deste jornal, como experiência. Essas cartas podem ser feitas a lápis, em qualquer papel e, para maior facilidade dos nossos leitores, poderão ser entregues nas nossas sucursais (cujos endereços são encontrados nesta página), aos nossos agentes, ou remetidas pelo Correio, sob registro.

Você precisa ler

DEMOCRACIA POPULAR

— CIRCULA AS TERÇAS-FEIRAS —
— semanário de atualidade política —



— Garçon, traze outro prato e outro prato. —

O NOME DE STÁLIN — BANDEIRA DE VITÓRIA

MAIS um ano de luta e trabalho pela paz pelo bem-estar da humanidade, pela libertação dos povos, completa o camarada Stálin. Os povos de todo o mundo, entre eles o povo brasileiro, comemoram com carinho a data de 21 de dezembro porque sabem que assim homenageiam o seu maior amigo, aquele que melhor encarna seus sentimentos e suas aspirações mais profundas. Os povos sabem que nesse dia homenageiam aquele que dedica todos os instantes de sua vida à mais nobre das causas, aquele que há dezenas de anos conduz de vitória em vitória a causa do futuro. Os homens e mulheres simples de todo o mundo acompanham com emoção os esforços do camarada Stálin, à frente de todos os povos, para reforçar a causa da paz, para defender a paz, e por isso comemoram com carinho sua data natalícia.

Um ano de atividades particularmente fecundas foi este, em que o camarada Stálin mostrou com precisão o caminho do comunismo, as condições que se fazem necessárias para que os povos da U.R.S.S. — o destacamento mais avançado da humanidade — entrem no período em que cada um produzirá de acordo com suas possibilidades e receberá de acordo com suas necessidades, em que a cada ser humano serão asseguradas todas as condições para seu pleno desenvolvimento. Foi neste ano que o camarada Stálin precisou ainda melhor o caráter atual da luta pela paz, abriu novas perspectivas de vitória para as classes e povos oprimidos, preocupou-se em dar à vanguarda do proletariado nos países capitalistas um instrumento de educação precioso quanto o «Manual de Economia Política Marxista». Estes problemas foram tratados no seu genial trabalho «Os problemas econômicos do socialismo na URSS» e no discurso de encerramento do XIX Congresso do Partido Comunista da URSS.

O camarada Stalin apontou a solução justa para o grande problema diante do qual se encontram os povos da União Soviética, o problema da passagem para o comunismo, da completa liquidação das contradições entre o campo e a cidade, entre o trabalho físico e o trabalho intelectual. O camarada Stálin indicou as três condições indispensáveis à passagem ao comunismo: — o aumento contínuo da produção social, a elevação da propriedade kolkosiana ao nível da propriedade socialista, através de transformações gradativas vantajosas para os kholkozos, e o desenvolvimento da cultura da sociedade «assegurando-se a cada um dos seus membros um desenvolvimento completo, de maneira que cada um possa receber instrução, tenha possibilidade de escolher livremente sua profissão e não seja obrigado a ficar toda a vida amarrado a uma profissão. Para isso é necessário, antes de tudo, diminuir a jornada de trabalho para seis ou para cinco horas, para que os cidadãos tenham tempo livre suficiente a fim de prosseguir seus estudos. É necessário, por outro lado, melhorar as condições de moradia, aumentar ao menos para o dobro, senão mais, o salário dos operários e dos empregados, e rebaixar os preços de todas as mercadorias.

Enquanto os países capitalistas se debatem em meio à crise, com todo o seu cortejo de trágicas consequências — fechamento de fábricas, acumulação de enormes estoques nos armazéns, desemprego, fome, queima de mercadorias para garantir os preços altos, provocação de guerras, armamentismo desenfreado — o país do so-



cialismo progride extraordinariamente e se prepara para passar para a etapa do comunismo. Isso acontece porque enquanto o capitalismo na fase atual visa à obtenção do máximo de lucros, a custa da exploração das massas, da pilhagem dos países atrasados e até da vida dos povos, a economia socialista visa antes de tudo garantir a máxima satisfação das necessidades de toda a sociedade.

Preocupado com a formação ideológica e teórica não apenas dos comunistas dos países que já marcham para o socialismo e o comunismo, mas também dos que formam a vanguarda revolucionária do proletariado nos países capitalistas, o camarada Stálin, traçou as grandes linhas da obra em preparação — o Manual de Economia Política Marxista. Dele disse o camarada Stálin: «Este será um verdadeiro livro de cabeceira de economia política marxista, um bom presente para os jovens comunistas de todos os países. Aliás, em vista do insuficiente desenvolvimento do nível marxista dos Partidos Comunistas dos países estrangeiros, esse Manual pode ser de grande proveito não apenas para os jovens, mas também para os velhos quadros comunistas desses países».

Em seus magistrais estudos, o camarada Stálin precisou o caráter da luta pela paz no momento atual: «o movimento atual pela paz tem por objetivo levantar as massas populares para a luta pela manutenção da paz, pela prevenção de uma nova guerra mundial. Consequentemente, não persegue o objetivo da derrubada do capitalismo, nem o do estabelecimento do socialismo; limita-se aos objetivos democráticos da luta pela manutenção da paz».

É também o pensamento de Stálin que inspira toda a política de paz da União Soviética tão bem sintetizada

pelo camarada Malenkov em seu informe ao XIX Congresso quando, após demonstrar o sentido guerreiro da política dos países imperialistas, disse: «Mas existe uma outra perspectiva, a perspectiva da paz entre os povos. Essa perspectiva exige a interdição da propaganda da guerra, de acordo com a decisão da ONU, a interdição das armas atômicas e bacteriológicas, a redução progressiva das forças armadas das grandes potências, a conclusão de um Pacto de Paz entre as potências, a extensão do comércio entre os países, o restabelecimento de um mercado mundial único e outras medidas análogas, dentro do espírito de consolidação da paz». É todo um programa de paz este pelo qual a União Soviética vem batendo em todas as assembleias internacionais. É pela causa de todos os povos do mundo, que lutam o povo e o governo soviéticos, dirigidos pelo camarada Stálin.

Encerrando o XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o camarada Stálin abriu novas perspectivas de vitória ao movimento emancipador da humanidade. Disse ele: «Merecem especial atenção os Partidos Comunistas, democráticos e operário-camponeses que ainda não tomaram o poder e prosseguem atuando sob a tirania das draconianas leis burguesas. Naturalmente, lhes é mais difícil trabalhar. Entretanto, não lhes é mais difícil do que foi para nós, os comunistas russos, durante o tzarismo, quando o menor movimento para a frente era considerado gravíssimo delito. Não obstante, os comunistas russos se mantiveram firmes, não se assustaram com as dificuldades e conquistaram a vitória. O mesmo acontecerá a esses partidos». São palavras clarividentes do camarada Stalin que refletem toda sua convicção científica da inevitabilidade da vitória das forças do progresso, que refletem toda sua confiança nas mas-

sas e nas suas organizações de vanguarda. São palavras que reforçarão a fé dos povos em suas próprias forças e que contribuirão para impulsionar suas lutas. E isso acontecerá certamente se soubermos levar à prática as preciosas indicações do camarada Stalin feitas no mesmo discurso, isto é, se soubermos erguer a bandeira da paz, da liberdade, democracia, da independência nacional.

Para o camarada Stálin se voltam hoje, como afirmava o camarada Prestes há um ano, «com os corações cheios de esperança, todos os que no mundo penam sob a brutalidade da exploração capitalista e almejam a liquidação definitiva da exploração do homem pelo homem. Mas para Stalin se voltam igualmente centenas de milhões de seres humanos, homens e mulheres de todas as classes e camadas sociais, que se sentem cada dia mais ameaçados pela insensatez de um pequeno grupo de canibais que prega diariamente a necessidade e a fatalidade de novas guerras e da liquidação em massa de populações inteiras». O povo brasileiro, que vê acumular-se sobre sua cabeça as nuvens ameaçadoras da guerra sob a forma do «Acordo de Assistência Militar» com os Estados Unidos, cuja ratificação o imperialismo americano e o governo de Getúlio exigem do Congresso, sob a forma da exigência crescente de envio de tropas para a Coreia, sob a forma da aprovação de novas leis de terror, compreende cada vez melhor a necessidade de reforçar a causa da paz como condição fundamental para salvar a vida dos seus filhos, para impedir que venhamos a ser transformados em base de guerra ianque, em carne de canhão dos militaristas norte-americanos. O povo brasileiro compreende cada vez melhor que defender a União Soviética é defender a causa da paz e do progresso, é defender a causa da paz para si mesmo. A afirmação corajosa e justa do camarada Prestes — NÃO COMBATEREMOS CONTRA A UNIÃO SOVIÉTICA — é cada vez melhor compreendida e apoiada pelas grandes massas, convencidas de que combater contra a bandeira da paz é combater contra nós mesmos.

Ao completar 73 anos o chefe do campo da paz e da democracia, nós, os comunistas brasileiros, comprometemo-nos a seguir seus ensinamentos preciosos, reforçando a organização de vanguarda do proletariado e do povo brasileiro, utilizando suas lições magistrais para fortalecer a causa da paz, da liberdade, da independência e da soberania nacional.

Hoje, como nos dias em que a vitória da tese leninista-stalinista sobre a construção do socialismo em um só país permitiu o triunfo da Revolução; hoje, como na fase dos primeiros planos quinquenais stalinistas, que encheram de admiração o mundo inteiro e incendiaram de entusiasmo o coração do proletariado internacional; hoje, como nos dias difíceis da guerra, em que o nome de Stálin simbolizava a resistência dos povos aos bandidos agressores nazistas; hoje, como nos dias posteriores à guerra, quando o camarada Stálin indicou o caminho para o afastamento da terrível ameaça da guerra, para a manutenção de uma paz duradoura — hoje, como então, sabemos que o nome de Stálin simboliza causas justas e simboliza também a vitória. Com tão grande mestre e guia, marchamos confiantes para a vitória, para a vitória da causa da paz, para a vitória da causa da emancipação dos povos, da libertação da humanidade.

CARLOS MARIGHELLI

O Estudo de Stálin Sobre os Problemas Econômicos do Socialismo na URSS(*)

A «PRAVDA» reproduz hoje, da revista «Bolchevique», a obra do camarada J. Stálin: «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS». Esta nova obra clássica reúne os trabalhos do camarada Stálin sobre as questões econômicas ligadas à discussão de novembro de 1951.

A obra do camarada Stálin: «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS» é uma grande contribuição à teoria do marxismo-leninismo. Esta nova obra teórica do camarada Stálin é um exemplo brilhante de unidade indissolúvel da teoria revolucionária e da prática revolucionária. Esta obra científica, de uma enorme importância teórica e prática, tem um alcance internacional muito grande.

Generalizando a experiência da edificação socialista na URSS e do movimento revolucionário internacional, submetendo a um estudo aprofundado os problemas fundamentais da atualidade, o camarada Stálin enriquece sem cessar a teoria do marxismo-leninismo com novas teses e conclusões científicas. Os trabalhos do camarada Stálin indicam aos povos soviéticos o caminho que conduz à vitória completa do comunismo, animam os trabalhadores dos países de democracia popular nos seus gloriosos feitos pela edificação do socialismo, convocam os trabalhadores do mundo inteiro para lutar pela paz, a democracia, o socialismo.

Os novos trabalhos teóricos do camarada Stálin são publicados nestes dias memoráveis em que nosso Partido e todo o povo soviético, com grande entusiasmo, marcham para o XIX Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, que vai definir as tarefas do Partido na atual etapa histórica.

«Hoje — diz o projeto de estatutos modificados do Partido — as principais tarefas do Partido Comunista da União Soviética consistem em edificar a sociedade comunista passando progressivamente do socialismo ao comunismo, em elevar incessantemente o nível material e moral da sociedade, em educar os membros da sociedade no espírito do internacionalismo e num espírito que visa estabelecer laços fraternais com os trabalhadores de todos os países, em reforçar ao máximo a defesa ativa da pátria soviética contra os atos de agressão de seus inimigos.»

Na obra «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS», o camarada Stálin empenhou-se num estudo aprofundado das questões fundamentais da economia política do socialismo; analisou, pela primeira vez na literatura marxista, o caráter das leis econômicas do socialismo; enunciou a lei econômica fundamental do socialismo e definiu as condições essenciais da passagem progressiva do socialismo ao comunismo. Desenvolvendo e enriquecendo com seu trabalho criador a doutrina de Marx-Engels-Lênin, o camarada Stálin vibrou um golpe esmagador em diversos pontos de vista antimarxistas e submeteu ao fogo da crítica as afirmações errôneas de certos economistas.

O camarada Stálin pôs em foco o caráter e o funcionamento das leis econômicas do socialismo, que são leis objetivas refletindo o processo do desenvolvimento econômico, as quais se realizam independentemente da vontade dos homens. Os homens podem descobrir as leis da natureza e da sociedade, conhecê-las, estudá-las, tomá-las em conta na sua ação, utilizá-las no interesse da sociedade, mas não podem modificá-las ou aboli-las. Eis por que é profundamente errôneo acreditar que, nas condições do socialismo, os homens podem suprimir as leis econômicas e criar outras segundo sua vontade ou «transformá-las». As leis econômicas, ensina o camarada Stálin, não são destruídas mas se tornam caducas com o surgimento de novas condições econômicas e abandonam o cenário para ceder lugar a novas leis, que não são criadas pela vontade dos homens mas nascem de novas condições econômicas.

Todavia, a sociedade não é impotente diante dessas leis; ela pode, conhecendo as leis econômicas e apoiando-se nelas, utilizá-las em seu interesse. O porta-bandeira da utilização das leis econômicas no interesse da sociedade é sempre e em toda a parte a classe de vanguarda, enquanto que as classes moribundas opõem resistência a esta utilização. É preciso uma força social capaz de sobrepujar esta resistência. Esta força foi encontrada em nosso país sob a forma de aliança da classe operária com o campesinato. É isto que explica que o poder soviético conseguiu quebrar as velhas forças da sociedade e que a lei econômica da concordância obrigatória das relações de produção com o caráter das forças produtivas funcionou plenamente na URSS. Apoiando-se na lei econômica da concordância obrigatória das relações de produção com o caráter das forças produtivas, indica o camarada Stálin, o poder soviético socializou os meios de produção, tornando-o propriedade de todo o povo e destruiu assim o sistema de exploração e criou as formas socialistas de economia. Se esta lei não existisse e se o poder soviético não se tivesse apoiado nela, não poderia ter cumprido sua tarefa.

A descoberta da lei econômica fundamental do socialismo pelo camarada Stálin tem uma importância muito grande.

«As características e as exigências essenciais da lei econômica fundamental do socialismo — ensina o camarada Stálin — poderiam ser enunciadas aproximadamente da seguinte maneira: assegurar ao máximo a satisfação das necessidades materiais e culturais em crescimento incessante do conjunto da sociedade pela elevação contínua do aperfeiçoamento da produção socialista na base dum técnica superior.»

Esta definição põe em foco a essência mais profunda, a natureza do socialismo. Ela acentua o objetivo da produção socialista e indica o meio de atingir esse objetivo. A lei econômica fundamental do socialismo exprime as grandes vantagens do socialismo sobre o capitalismo. O objetivo da produção socialista não é o lucro, mas o homem com suas necessidades. A produção socialista é subordinada a um fim essencial:

assegurar ao máximo a satisfação das necessidades materiais e culturais do conjunto da sociedade que crescem sem cessar.

Partindo das exigências da lei econômica fundamental do socialismo, o Partido orienta o desenvolvimento da economia no caminho dum elevação contínua e assegura a boa execução dos planos da economia nacional. O projeto de diretivas do XIX Congresso do Partido a propósito do V Plano Quinquenal de desenvolvimento da URSS para 1951-1952 reflete com brilho as exigências da lei econômica fundamental do socialismo, descoberta e cientificamente fundamentada pelo camarada Stálin.

«O V Plano Quinquenal — indica o projeto de diretivas — prevê um novo e poderoso impulso da economia da URSS e assegura uma nova e importante elevação do bem-estar material e do nível cultural do povo.

«A realização do V Plano Quinquenal será um passo importante no caminho que conduz do socialismo ao comunismo.»

Estudando as leis fundamentais da economia política do socialismo, o camarada Stálin esclareceu todos os aspectos das particularidades da produção de mercadorias no regime socialista. Ele tirou uma importante conclusão científica segundo a qual existe, no regime socialista, uma produção mercantil de um tipo particular, uma produção mercantil sem capitalistas, que se refere a mercadorias de produtores socialistas agrupados. A esfera de ação desta produção mercantil limita-se aos artigos de uso pessoal. O camarada Stálin explicou que no regime socialista os meios de produção não podem ser classificados na categoria de mercadorias. A necessidade de uma produção mercantil de um gênero particular no regime socialista decorre da existência de duas formas fundamentais de produção socialista — a produção estatal (social) e a produção kolkosiana.

Diferentemente do que ocorre no regime capitalista, a produção mercantil no regime socialista não conduz ao sur-



J.V. STALIN

gimento de relações capitalistas. Ela se situa dentro de limites estritos, graças a condições decisivas tais como a propriedade social dos meios de produção, a supressão do sistema do salarido e da exploração. O camarada Stálin liga o estudo da produção mercantil e da lei do valor no regime socialista às tarefas práticas de direção da economia socialista, à rentabilidade, ao auto-financiamento, aos cálculos, etc.

O camarada Stálin, mestre eminente da ciência, genial arquiteto do comunismo, dedica uma grande atenção ao esclarecimento das leis da passagem da primeira fase do comunismo à segunda. Falando da definição científica do comunismo, o camarada Stálin indica que a fórmula de Lênin: «o comunismo é o poder soviético mais a eletrificação de todo o país» é a única justa.

A determinação pelo camarada Stálin das condições da passagem progressiva do socialismo ao comunismo é uma nova e notável contribuição à teoria do comunismo científico.

Para preparar a passagem real, e não em palavras, ao comunismo, indica o camarada Stálin, é preciso realizar previamente três condições essenciais:

1 — É indispensável, em primeiro lugar, assegurar firmemente a elevação contínua de toda a produção social e, mais especialmente a dos meios de produção, sem o que é impossível assegurar a reprodução ampliada.

2 — É indispensável, em segundo lugar, através de transições graduais, realizadas com proveito para os kolkoses e em seguida para toda a sociedade, elevar a propriedade kolkosiana ao nível de uma propriedade de todo o povo; quanto à circulação das mercadorias, ela deve igualmente ceder lugar, por transições graduais, ao sistema da troca dos produtos

3 — É indispensável, em terceiro lugar, realizar a elevação cultural da sociedade que assegure a todos os seus membros um desenvolvimento multi-lateral de suas capacidades físicas e intelectuais a fim de que os membros da sociedade tenham a possibilidade de receber uma instrução suficiente para se tornarem participantes ativos da evolução social, para terem a possibilidade de escolher livremente sua profissão e de não ficarem presos por toda a vida a uma profissão qualquer em consequência da divisão do trabalho existente.

Somente realizadas estas condições prévias tomadas em conjunto será realizada a passagem radical de um sistema econômico, a economia de socialismo, para um outro sistema econômico, superior: a economia do comunismo.

Na sua obra: «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS», o camarada Stálin fez igualmente uma profunda análise marxista dos principais problemas do capitalismo contemporâneo.

O camarada Stálin ensina que os traços essenciais e as principais exigências da lei econômica fundamental do capitalismo contemporâneo são: «assegurar o máximo de lucro capitalista pela exploração, a ruína e o empobrecimento da maioria da população de cada país, pela escravização e a pilhagem sistemática dos povos de outros países, particularmente os países atrasados, e enfim pelas guerras e pela militarização da economia nacional utilizadas para a realização de lucros muito elevados.

O camarada Stálin pôs em evidência a agraviação da crise geral do capitalismo na etapa atual, ao sublinhar que se deve considerar o desmoronamento do mercado mundial único e geral como o resultado econômico mais importante da segunda guerra mundial e de suas consequências econômicas. Daí decorre o aprofundamento ulterior da crise geral do sistema capitalista mundial.

A Constituição dum poderoso campo socialista unido, oposto ao campo do capitalismo, acarretou o desmoronamento do mercado mundial único e geral e a criação de dois mercados mundiais paralelos, igualmente opostos. Deve-se dizer a esse respeito que, por sua política de bloqueio econômico da URSS, da China e dos países europeus de democracia popular, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França contribuíram sem o querer para a constituição e o reforçamento do novo mercado mundial paralelo. Os países do campo do socialismo uniram-se estreitamente do ponto de vista econômico e organizaram a cooperação e a ajuda mútua econômica. A formação de um poderoso campo socialista significa que, a esfera de aplicação das forças dos principais países capitalistas no que concerne aos recursos mundiais não se ampliará mas se retrairá, as condições de escoamento sobre o mercado mundial piorarão para estes países e as empresas destes países trabalharão sempre abaixo de sua capacidade de produção. Tudo isto significa que, embora o caráter cíclico do desenvolvimento do capitalismo se mantenha, o desenvolvimento da produção nos principais países capitalistas se fará sobre uma base mais estreita, porque o volume da produção nesses países diminuirá.

O sistema mundial do capitalismo, nota o camarada Stálin, sofre uma crise geral, tanto econômica como política. Na base desta crise encontram-se a decomposição cada vez mais avançada do sistema econômico mundial do capitalismo e o poderio crescente dos países que se desligaram do capitalismo: URSS, China e outros Estados de democracia popular. O enfraquecimento do capitalismo aprofunda ainda mais suas contradições internas e torna mais aguda a luta entre os imperialistas rapaces.

O camarada Stálin ensina que uma das principais tarefas do Partido consiste em armar nossos quadros com o conhecimento das leis de desenvolvimento econômico da sociedade. Em relação a isso, a criação de um manual marxista de economia política adquire uma enorme importância.

«Este manual não é necessário somente para nossa juventude soviética, escreve o camarada Stálin. Ele é particularmente necessário aos comunistas de todos os países e aos homens que simpatizam com o comunismo. Nossos camaradas do estrangeiro querem saber de que maneira nós nos libertamos da escravidão capitalista, de que maneira nós transformamos a economia do país no espírito do socialismo, como conquistamos a amizade do campesinato, como é que fizemos para transformar nosso país ainda recentemente pobre e fraco num país rico e poderoso, o que representam os kolkoses, por que não suprimimos a produção mercantil, o dinheiro, o comércio, etc., embora tenhamos socializado os meios de produção. Eles querem saber tudo isto e ainda muitas outras coisas, não por simples curiosidade, mas para aprender conosco a utilizar nossa experiência em seu próprio país. E' por isso que a aparição de um bom manual marxista de economia política tem uma grande importância, não só em política interior mas também no domínio internacional.»

A obra do camarada Stálin: «Problemas Econômicos do Socialismo na URSS», constitui uma etapa superior no desenvolvimento da economia política marxista-leninista. Sua publicação é um acontecimento dos mais importantes na vida ideológica do Partido e do povo soviético. Ela tem verdadeiramente um alcance histórico. A obra de Stálin exercerá uma enorme influência sobre o desenvolvimento da ciência soviética de vanguarda; ajudará nossos quadros a conhecer mais profundamente as leis da evolução social; desempenhará um grande papel armando ideologicamente os partidos operários e comunistas estrangeiros.

Realizando na vida as previsões geniais do camarada Stálin, nosso Partido conduz o povo soviético para a frente, para o triunfo do comunismo.»

(*) Editorial da «Pravda» de 3 de outubro de 1952.

EPISÓDIOS DA VIDA DE STALIN

Quando passa mais um aniversário de Stálin, as pessoas simples e honradas evocam episódios de sua gloriosa vida com ternura e filial afeto. Tão próximo ele está de cada um que há um toque de intimidade nas citações e relatos. Conhecer a vida de Stálin é objeto duma espontânea emulação em que cada um procura esquadriñar os acontecimentos passados e presentes para contá-los em primeira mão aos companheiros de trabalho, aos amigos, às pessoas de sua família.

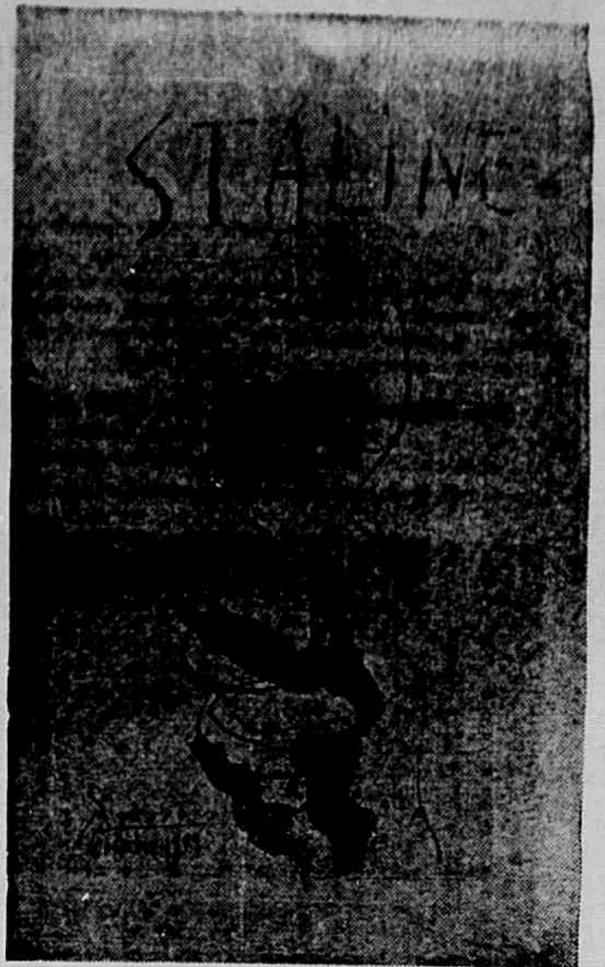
Que vida imaculada, bela e grandiosa essa que se apresenta mais pura, mais bela e engrandecida à medida que milhões de seres humanos de todos os países e raças a contemplam e analisam em todos os momentos e circunstâncias! Na vida de Stálin encontramos as mais altas qualidades de pessoa humana.

Queriam brilhar, mas lhes tocava uma tarefa modesta. A propósito Kalinin comenta:

«Recordai o episódio da História do Partido em que o camarada Stálin organizou uma imprensa clandestina em Bakú. Acreditais por acaso que ele a organizou fazendo agitação, propaganda ou escrevendo manifestos? Nada disso. Nas condições dum regime autocrático e de vigilância policial sua tarefa representava um enorme trabalho de organização e ao mesmo tempo uma atividade prática, da

mais prosaica. Pois era preciso resolver muitos problemas puramente práticos: encontrar o local, conseguir os tipos de imprensa, organizar o transporte do material impresso, etc.»

A imprensa de Avlabar foi um grande feito. Mas Stálin não se apresentou para utilizar a coisa prontinha. Pôs todo o seu ardor e entusiasmo nas tarefas miúdas e anônimas, nas tarefas que não aparecem. Sem isso seria possível imprimir jornais em três línguas diferentes?



Com este desenho (STALIN, A TUA SAÚDE), o grande pintor Pablo Picasso prestou sua homenagem a Stalin por ocasião do 70º aniversário do guia e mestre do proletariado, em 1949



«O Juramento» — famoso desenho do pintor soviético P. Vassiliev, reproduzindo o momento em que, a 26 de janeiro de 1924, Stálin falava após a morte de Lênin.

Atrás de cada ponto de fogo está um homem

O grande escritor Alexis Tolstói relata com vigor a situação de Stálin em Tsaritsin (hoje Stalingrado), em 1918. Naquele momento, salvar Tsaritsin era uma das tarefas fundamentais da Revolução. A importante cidade estratégica era o centro industrial de todo o sudeste do país. Era o ponto de passagem obrigatório para os cereais, o gado, o petróleo e o pescado que chegavam do Cáucaso. Militarmente, a situação era das mais graves. A 22 de maio de 1918, os contra-revolucionários cortaram o caminho para Bieláia Kalitva, para a qual se movimentavam os comboios de Vorochilov que marchava em socorro do centro vital de Tsaritsin. Ao norte, espocavam sublevações. A administração e o comando militar da cidade estavam infestadas de traidores e incapazes.

Mas a cidade não podia cair. De sua posse dependiam os abastecimentos para as forças revolucionárias atacadas de dentro e de fora do país. Sem pão, a luta poderia tornar-se insustentável. Sem pão, o proletariado revolucionário de Moscou e Petrogrado não poderia manter a frente militar e a da produção.

A 31 de maio de 1918, a «Pravda» publicava um decreto de Lênin nomeando Stálin dirigente geral dos serviços de abastecimento no sul da Rússia e investindo-o de poderes extraordinários junto aos soviets, comitês revolucionários, estações maiores, organizações de transportes, etc. Stálin dirigiu-se para Tsaritsin.

Reunindo no próprio trem blindado, que o trouxera, os principais dirigentes da cidade, Stálin começou a crivá-los de perguntas incisivas. Perguntava concretamente sobre o ponto nevrálgico de cada questão: sobre as reservas de cereal na região, sobre o trabalho dos destacamentos de abastecimento, sobre a colheita,

sobre a quantidade de baionetas na frente, sobre as reservas militares, sobre o movimento do inimigo e suas forças, etc. Quando o interrogado começava a alongar-se muito, Stálin o interrompia:

— Camarada, necessito de cifras, de dados e não de explicações...

Stálin refutava energicamente as explicações «técnicas» dos revezes:

— Não se animaria você a explicar nossos revezes pela insuficiente preparação política? Pois, detrás de cada um dos pontos de fogo está um homem. Por mais pontos de fogo que tenha um general, sempre que seus soldados careçam de preparação prévia realizada mediante agitação ba-

bil e regular, nada poderá fazer contra soldados instruídos e animados pelo espírito revolucionário, ainda quando estes se encontrem em inferioridade numérica.

Essa idéia mestra, e de valor decisivo do espírito revolucionário para vencer o inimigo, é que orienta todas as medidas e providências de Stálin. Essa idéia é que lhe incute em seus auxiliares. Atrás de cada boca de fogo, em qualquer posto de combate está um homem. E' do homem, de sua preparação moral e política para a luta que se precisa cuidar em primeiro lugar. Soldados animados pelo espírito revolucionário são invencíveis, realizam as mais heroicas façanhas.

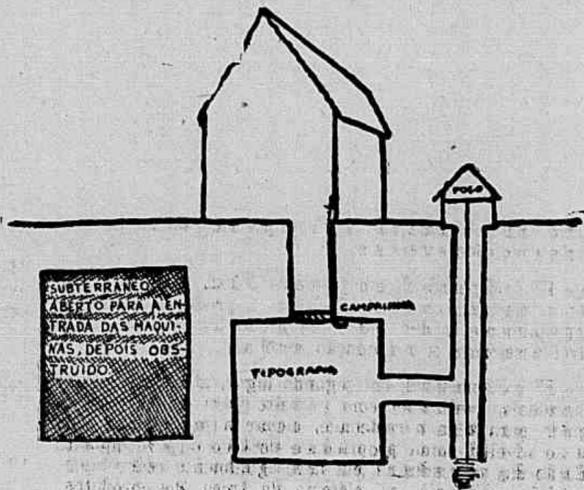
Stálin organiza os transportes, estabelece o racionamento, esmaga os especuladores, organiza o envio de enorme remessa de cereais para Moscou, estabelece ligação com o exército de Vorochilov e organiza a defesa da cidade. Em seguida contra-ataca, arrojando o inimigo para além do Don. Pois atrás de cada ponto de fogo tinha posto um homem «instruído e animado pelo espírito revolucionário» embora estivesse em inferioridade numérica.

Com Lênin no coração

Stálin entrou para a Revolução trazendo no espírito e no coração a imagem de Lênin. Stálin pensa sempre em Lênin. Mesmo quando ele está absorvido por qualquer problema a resolver, sua mão escreve magistralmente estas palavras: «Lênin... mestre... amigo».

Quantas vezes não encontrou sobre sua mesa, depois da jornada de trabalho, folhas soltas com estas palavras escritas!

(Trecho de um artigo de A. Poskrebichev, chefe do secretariado pessoal de Stálin.)



Esquema da tipografia subterrânea de Avlabar, construída por Stálin. Profundidade do poço: 20 metros. Reconstituição à base da descrição do jornalista Moacr Werneck de Castro

A melhor e mais interessante das existências

É o que disse a propósito o saudoso Mikail Kalinin:

«Portanto, uma vida cheia de conteúdo ideológico e de interesses sociais, uma vida que tenda a esses fins é a melhor e a mais interessante de quantas vidas possamos imaginar. Na realidade, o modelo duma vida como essa não-lo oferece a vida do camarada Stálin.

Mas vocês poderiam dizer-me: «Stm, a vida do camarada Stálin é, na realidade, um modelo de vida nobre e de profundo conteúdo ideológico. Mas nós somos homens comuns, ao passo que tu nos falas dum grande homem, de nosso chefe». De nossos mestres Lênin e Stálin devemos aprender a viver e a trabalhar, pois eles não só possuem a capacidade de compreender e expressar com acerto e melhor que ninguém as exigências atuais do desenvolvimento social, mas também a de satisfazer melhor que ninguém e com igual acerto estas exigências.»

Um trabalho prosaico

TODO o mundo conhece a história da imprensa de Avlabar, a imprensa clandestina que Stálin organizou no Cáucaso. Naquela época, recorda Kalinin, entravam no Partido elementos que só

queriam brilhar e abandonavam suas fileiras quando lhes tocava realizar um trabalho prático, como distribuir volantes, manter uma casa para fins conspirativos e outras do mesmo gênero.

A Conta Do Hotel

Em maio de 1907 realizou-se em Londres o V Congresso do Partido. Os bolcheviques reuniram-se num hotel. Findos os trabalhos, ao tomar as medidas para que os delegados regressassem, verificou-se que faltava dinheiro para pagar a conta do hotel. A despesa tinha se elevado a oito mil libras esterlinas. Os revolucionários estavam «prontos».

Stálin foi designado para entender-se com o hoteleiro. Explicou-lhe que o Congresso era decisivo para a sorte do povo russo e que os revolucionários brevemente estariam no poder, quando mandariam o dinheiro. O homem contou em Stálin e aceitou o «vale» que ele assinou com seu nome de guerra, assumindo a responsabilidade pela dívida.

Passaram-se os anos. A revolução venceu. Em 1923, 16 anos depois do Congresso, chegou uma carta ao Kremlin. Era a viúva do hoteleiro, que achava o vale e descobria que aquele nome de guerra era de Stálin. Muitos dos homens do novo poder tinham participado naquele Congresso. O jornalista e escritor argentino, Alfredo Varela, que narra o episódio em seu livro sobre a URSS, conta que Stálin assinalou que se tratava duma dívida diferente. O governo soviético não reconhecia essas dívidas para com os trustes imperialistas que tinham saqueado o povo russo. E mandou pagar a conta a um credor diferente, que tinha ajudado a revolução. O «vale» está guardado no Museu da Revolução, em Moscou, como «reliquia preciosa».

Comprovado por cientistas de vários países o uso da guerra bacteriológica

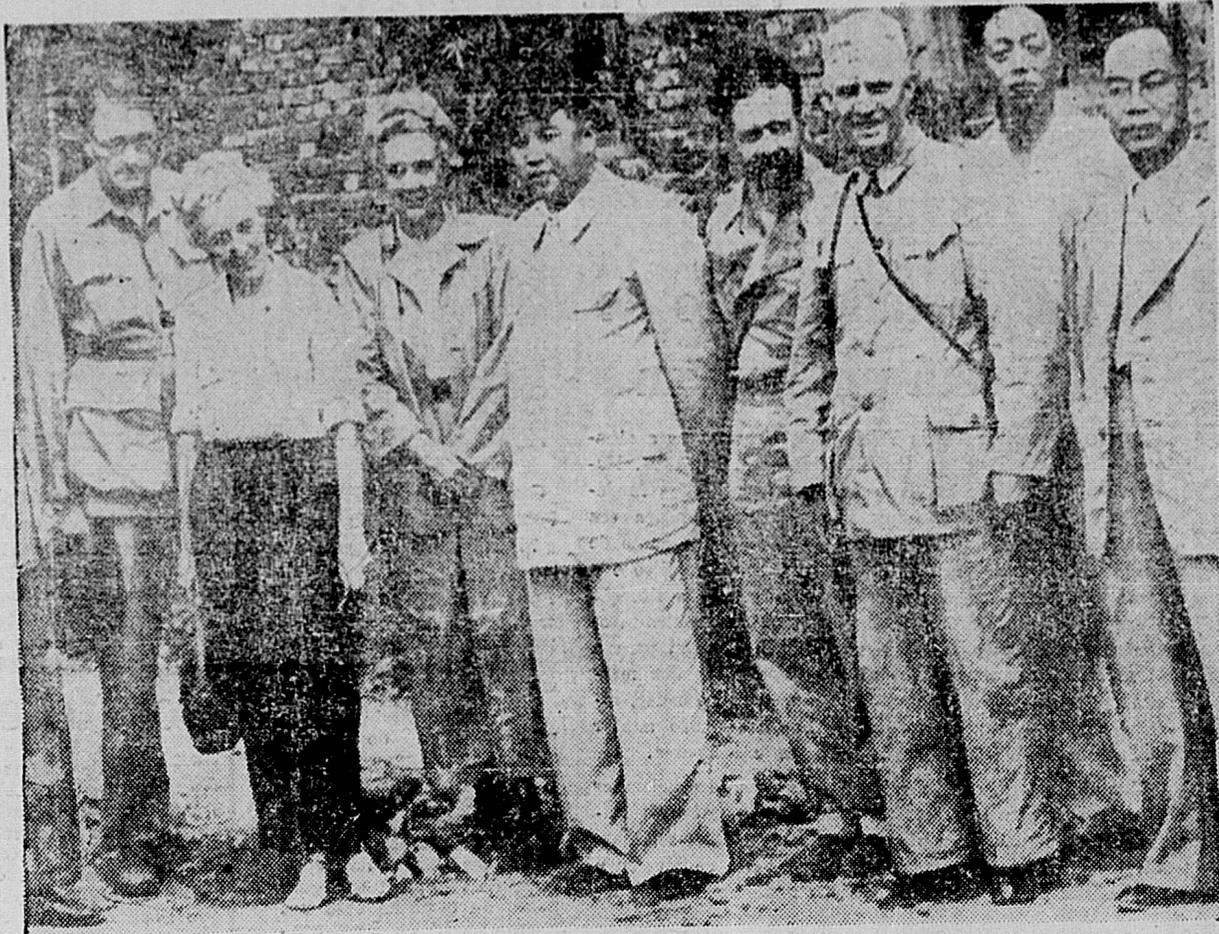
Micróbios de Maryland Sobre a Coreia e a China

SENDO eu de origem americana e tendo estudado e trabalhado com vários cientistas americanos, não podia acreditar na utilização da guerra bacteriológica antes da minha viagem. Diante das provas, porém, posso afirmar, com toda segurança, que o governo dos Estados Unidos desencadeou a guerra bacteriológica contra os povos coreano e chinês.

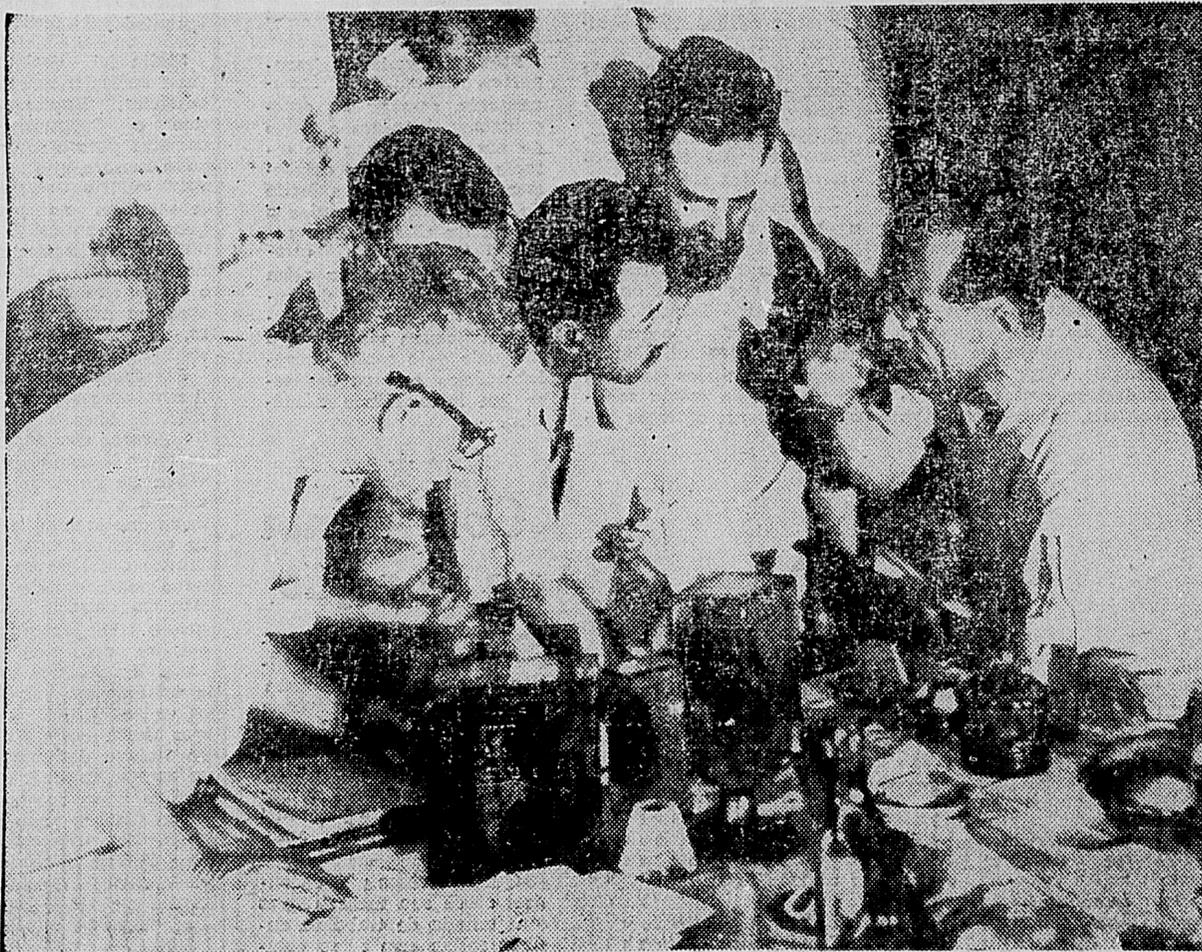
Esta contundente afirmativa foi feita à VOZ OPERÁRIA pelo eminente cientista brasileiro professor Samuel Barnsley Pessoa, catedrático de Parasitologia e Entomologia da Universidade de S. Paulo, que durante dez semanas investigou, na Co-

reia e na China, como membro de uma Comissão Internacional de Cientistas, o emprégo de armas microbianas pelos americanos.

A dúvida daquele homem de ciência era compreensível, como a de muitas pessoas para as quais é difícil admitir que uma nação que se diz civilizada desça a tão aviltante baixez: empregar micróbios para matar indiscriminada e covardemente mulheres e crianças. Os fatos, porém, comprovam duramente a acusação, exibem diante dos povos horrorizados a face do monstro dos bandidos imperialistas, são um toque de alarme e advertência: é preciso salvar a paz!



ESTA UMA FOTOGRAFIA INÉDITA NO BRASIL. Nela aparecem, num ponto qualquer da República Democrático-Popular da Coreia (da esquerda para a direita) o dr. Joseph Needham (inglês), a dra. Andrea Andren (sueca), a sra. Jovina Pessoa (esposa do professor Samuel Pessoa), o presidente Kim-Ir-Sen, o engenheiro agrônomo Jean Malterre (francês), o professor Samuel Barnsley Pessoa (da Universidade de S. Paulo) e dois auxiliares da Comissão Internacional de Cientistas que visitou a Coreia e a China



UM DOS MUITOS EXAMES DE LABORATÓRIO PROCEDIDOS pela Comissão Internacional de Cientistas. No chichê, alguns membros da Comissão examinam peças anatomo-patológicas de vítimas da guerra microbiana. No primeiro plano, com oculos de aro, escuro, aparece o representante do Brasil, professor Samuel B. Pessoa.

UM TELEGRAMA ESPANTOSO

A 4 de março último chegava às mãos do sábio Frederico Joliot-Curie, em Paris, um telegrama expedido de Pequim, a 25 de fevereiro, pelo cientista chinês Kuo-Mo-Jo. Trazia uma espantosa revelação: pela primeira vez era denunciada a guerra bacteriológica. Cerca de um mês antes, a Seção Sanitária do corpo de voluntários chinês encontrara as primeiras provas da guerra microbiana, precisamente na província de Kanwon: insetos disseminados artificialmente eram portadores do bacilo do cólera. Outra comissão, composta dos dois maiores epidemiologistas e bacteriologistas coreanos, chegava, dias depois, à mesma conclusão. Os resultados das duas investigações foram enviados a Pequim e submetidos a uma equipe de cinquenta e dois cientistas chineses, entre os quais o dr. Chen Won Kwei, ex-delegado da Sociedade das Nações para estudo da peste na Índia e sem dúvida a maior autoridade na matéria em toda a Ásia.

Só então, dispendo de elementos que não deixavam margem a dúvida, a denúncia foi levada ao mundo. Primeiro pelo Conselho Chinês de Defesa da Paz, depois pelos partidos políticos da China, pelas diferentes Igrejas chinesas e, finalmente, pelo próprio governo de Pequim. A denúncia era demasiado grave para ser feita sem uma sólida fundamentação.

A NEGATIVA DOS CRIMINOSOS

Numa entrevista coletiva, em princípios de março, o secretário de Estado americano, Dean Acheson, inquirido por um jornalista, sobre a acusação que estava sendo feita aos agressores ianques da Coreia e da China, respondeu com uma simples e vazia negativa: «No presente, como no passado, o Exército das Nações Unidas não pratica a guerra bacteriológica». A esta pobre negativa seguiu-se simplesmente e silenciosamente.

As provas, no entanto, continuavam a acumular-se. A primeira fotografia era estampada nas páginas da «Pravda» e a sombria apreensão dos povos se acentuava com a divulgação do relatório da Comissão Internacional de Juristas, que realizou investigações na Coreia e na China. Os generais americanos responsáveis pela disseminação de insetos e bactérias contaminados eram apontados ao mundo pela Comissão como criminosos de guerra.

DA NEGATIVA À MANOBRA

A essa altura, o simples silêncio dos americanos não convencia. As provas já se multiplicavam aos milhares. Em muitos países do mundo capitalista — na Inglaterra, na Itália e na França principalmente — o assunto irrompeu nas páginas da imprensa. Deputados trabalhistas ingleses manifestaram sua repulsa ao atentado, da tribuna dos Comuns.

Os criminosos estavam encostados à parede. Tiveram que voltar ao tema, propuseram, então, os americanos, que o Comitê «Internacional» da Cruz Vermelha tomasse a si

a investigação das acusações. Mas, quem compõe o Comitê?

Em sua maioria grandes industriais, capitalistas, banqueiros, todos suíços, estreitamente ligados ao capital estrangeiro, notadamente o americano. Quem mantém este Comitê? Como fornece se poderá constatar no balanço de janeiro a outubro de 1951, a maior parte do dinheiro que ele recebe procede dos grandes capitalistas norte-americanos. Tampouco é uma organização internacional. O tubarão Max Hubber, presidente honorário do Comitê, recebe em seu livro «Ideia Realidade» que «o Comitê não é uma instituição social ou baseada no Direito Internacional, mas sim um simples união de vinte e cinco cidadãos suíços».

E conhecida, ademais, a simpatia desses cavalheiros pelos agressores. Durante a última guerra, quando toda a Europa circulava rumores sobre as atrocidades nazistas nos campos de concentrações, os membros desse Comitê, após realizarem uma «investigação», divulgaram um comunicado tranquilizador... para Hitler e o tratamento no campo de Buchenwald era bom...

Eis por que, na hora de aperto, foi para a Cruz Vermelha «Internacional» que os agressores americanos dirigiram seu grito de socorro. E outras não foram as razões por que tanto coreanos como chineses repuliram semelhante comissão investigadora.

REVELA-SE O PAVO À VERDADE

Uma comissão de homens de ciência poderia dar um testemunho insuspeito sobre a guerra microbiana. Das dificuldades desde primeira hora opostas pelos círculos imperialistas americanos e de outros países — cúmplices do extermínio bacteriológico — à formação de uma comissão internacional de cientistas que fosse investigar o assunto no Extremo Oriente.

Para integrar a comissão que faz parte o professor Samuel Pessoa, na menos de 18 cientistas ingleses foram convidados da França, 15 e inúmeros outros de muitos países. Dois ingleses se sentiram com coragem para aceitar o convite. Um deles, porém, quando já se achava em Praga, de viagem para Coreia, regressou; recebeu uma carta da esposa, residente em Londres, apelando para que não prosseguisse pois do contrário perderia o cargo, na Inglaterra. Por todos os meios a coação imperialista se fazia sentir. Os americanos sabiam onde chegaria um exame honesto e objetivo das acusações sobre a guerra bacteriológica e em geral sobre suas atrocidades na Coreia.

despeito desses tropeços, porém, a comissão foi constituída: dra. Andrea Andren, médica-chefe do Laboratório Clínico da Diretoria dos Hospitais de Estocolmo (Suecia); dr. Joseph Needham, docente de Biologia química da Universidade de Cambridge (catedra de S. William Dunn), recentemente diretor do Departamento de Ciências Naturais da U. N. E. S. C. O. (Inglaterra); professor Samuel Barnsley Pessoa (Brasil); dr. Oliviero Oliver, professor de Anatomia Humana da Universidade de Bolonha (Itália); engenheiro



UMA UNIDADE DO EXERCITO ANTI-EPIDEMICO EM MARCHA. Metidos nessa estranha farda branca, homens e mulheres, jovens e velhos, se dirigem aos campos e às zonas infectadas pelos criminosos de guerra norte-americanos, onde exterminam os insetos e objetos contaminados. Tanto na Coreia como na China o emprego de microbios mortíferos pelos americanos obrigou o povo a tomar medidas excepcionais contra as doenças infecciosas

TUDO UM POVO LUTA CONTRA A MORTE

nome Jean Malterre, diretor do Laboratório de Fisiologia Animal (França) e dr. N. N. Zhukhov-Verezhnikov, professor de Bacteriologia, vice-presidente da Academia de Medicina da U. R. S. S., ex-chefe perito médico no processo dos ex-militares japoneses acusados de participação na guerra bacteriológica.

OS CIENTISTAS EM AÇÃO

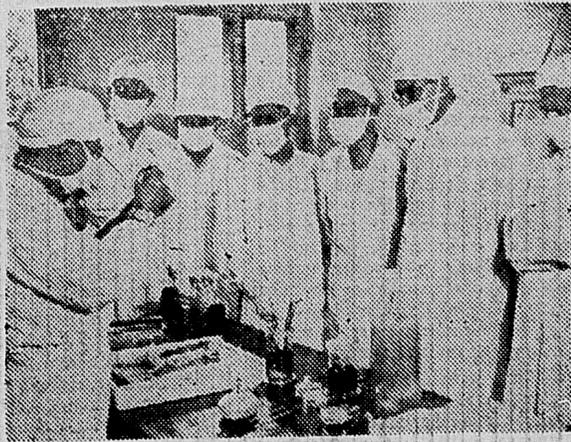
Durante 68 dias na China e na Coreia devastada pela guerra, trabalhou a comissão internacional de cientistas. Ouviu testemunhas, coligiu provas, procedeu a detalhados e numerosos exames de laboratório, elaborando, por fim, extenso relatório de 600 páginas. Durante sua estada no Extremo Oriente, a comissão de cientistas ouviu, também, de viva voz, a confissão de quatro aviadores americanos, feitos prisioneiros, de que haviam lançado de seus aparelhos armas microbianas. E, segundo se depreende, não cometeram esse crime de plena consciência. Um deles aviador americano O'Neil pediu em especial aos representantes da Inglaterra e do Brasil — países mais ligados aos Estados Unidos — fazer o possível para levar o fato ao conhecimento dos cientistas americanos. O'Neil manifestava a crença de que tal seria a indignação do povo e dos honrados homens de ciência de sua pátria que o governo seria obrigado a pôr fim ao crime horrível.

OS FATOS E AS CONCLUSÕES

Os principais fatos estudados pela comissão dizem respeito: 1º) disseminação da peste por meio de pulgas infectadas, na Coreia e Nordeste da China; 2º) disseminação de ra-

tos do campo infectados de peste em Kan-Nau (Nordeste da China); 3º) disseminação do carbunculo (bacilo anthracis) por meio de insetos de várias espécies infectados artificialmente por meio de raças hiper-virulentas e invadindo o organismo pela via respiratória; 4º) disseminação de bacilos do cólera por meio de insetos e outras experimentalmente infectados ocasionando a morte de várias pessoas; 5º) determinação de epidemias de encefalite pela disseminação de vírus por meio de aerossóis; 6º) disseminação de germes patogênicos, ocasionando epizootias no gado e pragas na lavoura.

Partindo desses fatos, a comissão chegou às seguintes conclusões: 1º) Os povos coreano e chinês foram objeto de repetidos ataques bacteriológicos, feitos por forças dos Estados Unidos; 2º) diversos métodos de extermínio foram utilizados, dos quais alguns parecem ser o desenvolvimento daqueles empregados pelos militares japoneses durante a última guerra.



TODAS AS PROVAS ENCONTRADAS foram objeto de atentos estudos. Acima, os cientistas quando examinavam as escaras de um rato branco contaminada.

POR QUE se formam na China batalhões anti-epidêmicos?

Por que uma população tão grande quanto a da China, 500 milhões de almas, se organiza para fazer frente à peste, ao cólera, às epidemias? A simples resposta a estas perguntas é a prova mais destruidora de que os americanos se escondem sob uma terrível mentira, quando negam o emprego de armas microbianas. Eis o que narra a respeito o professor Samuel Pessoa: «No Nordeste da China faz-se contra a guerra bacteriológica uma grande campanha de educação. Toda a população foi organizada e sabe como agir. Também foi educada sobre a higiene individual e sabe como manter a limpeza em suas casas. Todos os habitantes sabem que tudo o que for jogado dos aviões ou qualquer coisa caída do céu deve ser destruído e que ninguém deve tocá-lo com as mãos. Quando se está certo ou quase certo de que foi feita um ataque, procede-se à desinfecção.

No princípio, depois que se suspeitou da guerra bacteriológica, ensinou-se à população como exterminar todos os insetos (moscas, mosquitos, pulgas, piolhos, etc.) Organizam-se, regularmente, caças aos insetos, de acordo com a marcha da guerra bacteriológica. As crianças das escolas e os jovens de ambos os sexos mostram-se particularmente ativos.»

MORTOS TODOS OS CÃES E GATOS

«A Comissão de Cientistas viu numerosos exemplos que mostram como a população do Nordeste da China

sabe agir em face da guerra bacteriológica. Entre elas não há lugar para o pânico. Na localidade de Kan-Nam, certo dia, a população, ao despertar, viu seus lares invadidos por centenas de ratos negros, portadores do bacilo da peste, como se constatou, depois. Nada menos de 717 desses animais foram contados. Por medida de precaução, os habitantes mataram todos os cães e gatos existentes na localidade.»

EQUIPES ANTI-EPIDEMICAS

«Podem-se ver, na China e na Coreia, batalhões e equipes anti-epidêmicos, compostos de centenas e mesmo milhares de voluntários vestidos com roupas especiais contra picadas de insetos e máscaras protetoras contra infecções pelas vias aéreas, com luvas de borracha, destinadas à captura e exterminação dos in-

setos e ratos disseminados pelos aviões. Em outras circunstâncias, usavam máscaras improvisadas e luvas para proteger as mãos. Os componentes desse estranho e grande exercito são vistos dias a fio, a vagar pelos campos, manejando pinças e bastonetes de bambu, abaixando-se aqui e ali para apanhar insetos, penas e outros objetos contaminados. Trabalham com paciência e coragem. Sabem que a morte caminha a seu lado. Muitos, provavelmente, sentem medo; mas o entusiasmo é a nobreza da tarefa que executam, fazem-nos sobrepujar o perigo. Que povo admirável!»

UM DESEJO VAO

«A Comissão Internacional de Cientistas tendo feito suas observações sobre as medidas de higiene e sobre a educação sanitária em Pequim e no Nordeste da China, subscreveu sem reservas as conclusões seguintes:

1.º) Existe hoje na China um vasto movimento de higiene individual e social que encontra uma apoio entusiasta de 500 milhões de habitantes. Um movimento desta envergadura em favor da higiene era até hoje desconhecido na história da humanidade;

2.º) Este movimento já diminuiu consideravelmente a mortalidade e a morbidade pelas molestias infecciosas; e

3.º) Parece-nos que seria não somente criminoso porem inteiramente vão tentar exterminar um tal povo por meio da guerra bacteriológica.»

UM RETROCESSO BRUTAL

Há milhares de anos que a humanidade vem lutando contra os males que a afligem. Cada nova descoberta da ciência para o extermínio dos microbios que atacam o homem é saudada com transbordante alegria por todo o mundo. Pois a guerra bacteriológica é precisamente o oposto. É o caminho para trás. É trabalhar para a morte, para o massacre silencioso e covarde de inocentes. Nos Estados Unidos, num sinistro laboratório de Camp Dietrick, Maryland, alguns homens de ciência, sob as ordens do governo americano, se dedicam dia e noite a esse mister. Sabem, por exemplo, que o bacilo do carbunculo é combatido com relativa facilidade. Tratam, então, de selecionar um bacilo super-virulento, que penetra no corpo humano pelas vias respiratórias e pode liquidar um ser humano em 24 ou 48 horas, antes mesmo que seja possível ministrar à vítima qualquer medicamento. Esse bacilo foi selecionado. Inúmeras vítimas dele jazem enterradas na Coreia e na China.

A guerra microbiana é proibida pela Convenção de Genebra. Quarenta e oito países firmaram essa Convenção. Entretanto, os Estados Unidos e o Japão se recusam a fazê-lo. Nenhuma pessoa no mundo poderá sentir-se segura contra essa guerra covarde enquanto os loucos americanos não tiverem o caminho barrado, impondo-se-lhes que assinem também este compromisso e o respeitem, que destruam suas fábricas de microbios.

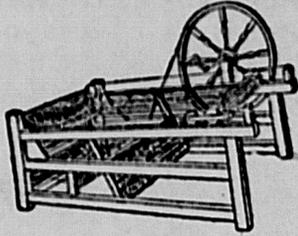
Como Nasceu o Operariado Têxtil Moderno

O operariado têxtil moderno nasceu há menos de duzentos anos.

Antes, a fiação e a tecelagem eram baseadas na produção caseira das aldeias. A fiação era quase sempre exercida por mulheres, que utilizavam a roca. Isto a partir do século XV. Durante séculos a roca foi o único instrumento para esse mister. A tecelagem era trabalho dos homens principalmente, mas não era ocupação independente. Era comum o agricultor dedicar-se a tecer para aumentar seu ganha-pão. Os teares eram manuais. O próprio trabalho de passar a lançadeira era feito com a mão.

Mas chegou um momento em que se fez sentir verdadeira fome de tecidos. A produção não podia atender ao mercado; aumentou a população do mundo, aumentou o número de compradores. Os capitalistas ingleses, enriquecidos com o saque das colônias, atraíram-se ao reforço da produ-

ção têxtil. Diante da grande procura de tecidos baratos procuraram os meios de aumentar a produção e diminuir o custo da mão de obra. Por aí se vê que as máquinas surgiram como



A máquina de fiar «Jenny» de Hargreaves

necessidade imposta pelo desenvolvimento do mercado.

O mais habil tecelão não conseguia manobrar a lançadeira mais de 60 vezes por minuto. Não havia, pois, ca-

pacidade para consumir todos os fios que se fabricavam. O primeiro invento tinha que ser, como foi, a lançadeira automática, que duplicou a capacidade dos teares e permitiu aumentar a largura das telas. Aí, então, começou a faltar fio. A vida forçou um novo avanço técnico, a máquina de fiar.

Esses dois inventos foram aperfeiçoados. Surgiu a «Jenny», máquina de fiar inventada em 1770 pelo mecânico inglês Hargreaves. Um operário já podia atender a 8 fusos. A força motriz era fornecida pelo braço operário. Com essa máquina desaparecem os tecelões-agricultores, o custo da produção baixou e os industriais se encheram de lucros. Surgem os tecelões que vivem exclusivamente do seu trabalho.

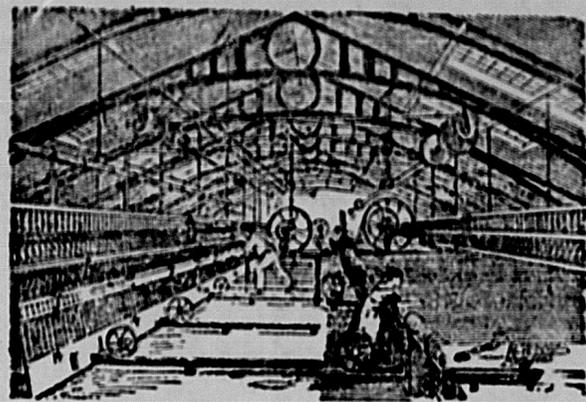
Trabalhar na «Jenny» era coisa que exigia grande dispêndio de energia. Famílias inteiras passavam a ganhar o sustento na tarefa de fiar. Não trabalham só as mulheres como dantes. Nasceu a grande divisão do trabalho entre a fiação e a tecelagem.

Mas o tecelão servindo de burro de carga, servindo de força motriz para acionar a «Jenny» não podia dar energia uniforme e re-

gular e sua produção já não satisfazia as necessidades crescentes do mercado. Os capitalistas sempre movidos pela sede de lucro, tiveram que apelar para novos progressos técnicos. Surgiu a máquina de fiar de Arkwright movida com a força d'água. Mas só foi conseguido um motor adequado com a invenção de máquina a vapor por Watt, que não dependia de reservatório de água ou da seca, como a máquina de Arkwright. Depois desse invento a indústria mecanizada suplantou completamente a oficina do artesão.

O progresso técnico significou aumento da exploração para os têxteis. A jornada de trabalho era superior a 12 horas. Cada avanço técnico — essa é a lei do capitalismo — significou o desemprego para milhares e aumento de trabalho para os que não perdiam o emprego. Crianças trabalhavam amarradas às máquinas. Homens trabalhavam de grilheta. O ambiente das fábricas era infernal.

Por isso mesmo o operariado lutou sempre. O moderno operariado têxtil nasceu lutando. No princípio, não compreendia que o mal não estava na máqui-



Vista geral de uma fiação inglesa em 1830 equipada com máquinas de 900 fusos cada uma, segundo o historiador alemão Baines

na mas na exploração capitalista através da máquina. E perseguia inventores, depredava as fábricas, destruiu as máquinas. Depois, os operários começaram a se unir para resistir à redução de salários. Unidos, conseguiram algumas melhorias. Todos os direitos operários foram arrancados à custa de lutas e sofrimentos. Também no Brasil foi assim. O salário mínimo, por exemplo, que Getúlio alardeia como um presente de seu governo, já figurava no programa das primeiras organizações operárias de nosso país, em 1895.

O direito de greve é uma dessas conquistas. A própria Revolução Francesa, como revolução burguesa, não reconheceu aos operá-

rios o direito de greve nem o de associação.

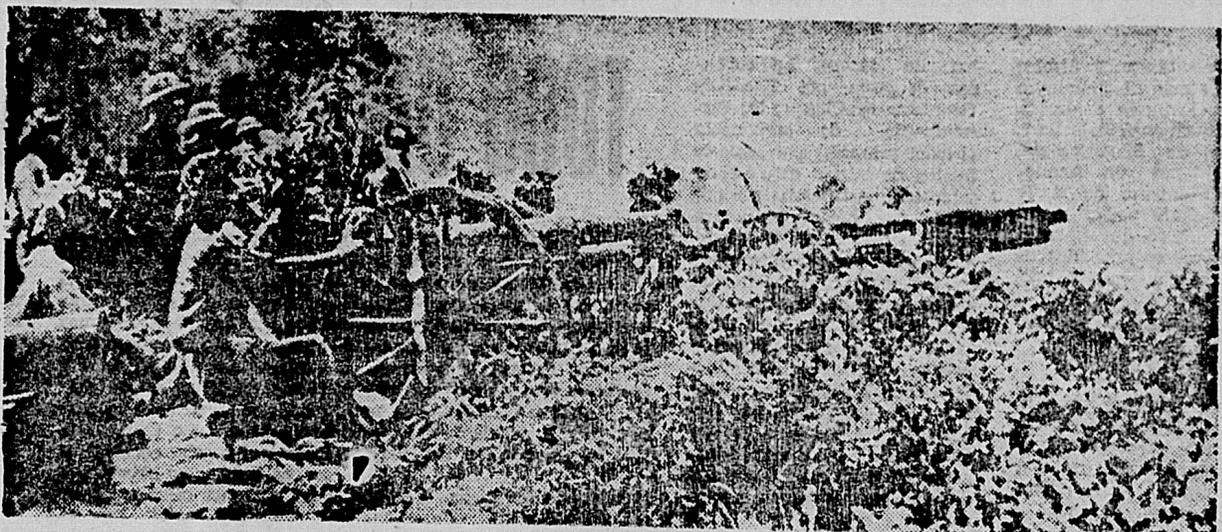
Por fim a classe dos proletários compreende que não lhe bastam as conquistas dentro do quadro da exploração capitalista. É preciso acabar com a exploração do homem pelo homem. E adquire uma consciência socialista, organiza seu próprio partido de classe, o Partido Comunista. Os operários explorados, guiados pelo seu partido de classe em todas as suas lutas, desempenham o papel histórico de libertadores de todos os explorados e oprimidos, transformam-se no baluarte da paz mundial pois o operário de um país é o irmão e não o inimigo dos operários de todos os países.

“Atos em vez de palavras” Preconiza Eisenhower



★ TÓQUIO, 15 (R.) — O Comando das Nações Unidas anunciou que 32 prisioneiros comunistas foram mortos e 129 feridos, ontem, no campo de prisão da ilha de Fongam, em motins verificados ontem. ★

No Viet-Nam: um povo em armas pela libertação



Peças de artilharia do Exército Popular do Viet-Nam assenta das em direção a posições francesas, na zona de Laichau. Naquela região vietnamita os colonialistas franceses sofreram contundente derrota, perdendo o ponto avançado de Nghia-lo, além de 12 companhias do corpo expedicionário e todo o seu Estado Maior, que caiu prisioneiro dos patriotas. A guerra de agressão contra o Viet-Nam já custou, confessadamente, aos franceses 90 mil baixas, entre as quais 33 mil mortos.

CRÔNICA INTERNACIONAL

CONTRA A GUERRA PREVENTIVA QUEREMOS A PAZ PREVENTIVA

Não deixa de chamar a atenção dos leitores de jornais a espécie de tratamento dispensado pelas agências telegráficas e pelos jornais burgueses ao Congresso dos Povos Pela Paz, que agora está se realizando em Viena. Pelos seus objetivos, pela expressão e número das delegações, pelo destaque das personalidades e a importância de entidades e organizações diversas que dele tomam parte, o Congresso de Viena é a maior e mais importante assembleia realizada em qualquer época.

Mas, que dizem a respeito do magno acontecimento, que vislumbraram nê as agências noticiosas e os jornais devotados aberta ou sorrateiramente à propaganda de guerra? Acontece que um delegado brasileiro, o líder operário Joaquim Teixeira, presidente do Sindicato dos Têxteis de S. Paulo, morreu vítima dum colapso cardíaco. Então, esses senhores do «acôrdo militar», que não vacilariam em mandar não só o líder dos têxteis mas todos os têxteis para morrer na Coréia, fazem uma descoberta verdadeiramente sensacional. Stálin, nada menos que Stálin, teria inspirado a realização do Congresso, movimentando milhões de pessoas no mundo intei-

ro, para atrair Joaquim Teixeira para Viena e lá tirar-lhe a vida.

Convenhamos que são pobres de imaginação esses idiotas.

E com essa estúpida invenção que pretendem evitar que o povo tome conhecimento do que se passa no Congresso. Querem impedir, por exemplo, que se saiba que um anti-comunista, autor de obras contra os comunistas, como Jean Paul Sartre, está presente ao Congresso, ocupa livremente sua tribuna, vê suas propostas discutidas e juntamente com adversários políticos como Jorge Amado faz parte dum grupo de escritores que deliberam convocar um congresso de paz dos escritores. «Existe uma possibilidade de paz, disse Sartre. Escolhemos ver o que se pode fazer para não deixar esta possibilidade escapar.»

A delegada democrata-cristã italiana

(sim, democrata-cristã, do partido do sr. de Gasperi, o homem do anti-comunismo e do Pacto do Atlântico) Alessandra Piaggio é um outro expressivo exemplo da amplitude e das normas democráticas vigorantes no Congresso. Alessandra Piaggio é representante do Movimento Cristão Italiano Pela Paz. Os pontos de vista desse movimento sobre as causas da tensão internacional e os meios de impedir que seja desencadeada a terceira guerra mundial não são exatamente os mesmos do Movimento Mundial dos Partidários da Paz. Pois, se fosse assim não seria necessário organizar um outro movimento.

Ela foi a Viena para discutir, para confrontar pontos de vista, para obter respostas claras às suas perguntas, pois para isso é que se realiza o Congresso dos Povos. Alessandra Piaggio teve todas as condições para interpelar os delegados so-

viéticos e todos os que apoiam a política externa de paz da URSS. Por que Vishinski não apoiou a proposta indiana sobre a Coréia? Um outro delegado italiano, Emilio Sereni, ocupou a tribuna para dizer por que razões achava correta e acertada a posição de Vishinski.

Como se vê, o Congresso dos Povos não é um monólogo dos comunistas, mas um amplo e movimentado debate de pessoas honestas que repudiam a guerra. Por sinal, foi um católico italiano, o deputado democrata-cristão Terranova, quem formulou na tribuna do Congresso dos Povos uma das melhores e mais incisivas definições de seus objetivos: «Contra a guerra preventiva fazemos a paz preventiva».

Infelizmente, o líder operário Joaquim Teixeira, que tão assinalados serviços vinha prestando à causa da paz, não poderá dizer com o deputado do PTB de Minas Gerais, sr. Valdomiro Lobo: «Lamento a ausência dos que me aconselharam a não vir. Eles assistiram a esta magnífica procura comum de soluções para o problema da paz». Declarações como essas são omitidas ao público pelos jornais do sindicato da mentira. Mas é impossível esconder o sol com uma peneira.

Fantoches Americanos Em Congresso

AGOSTINHO DE CARVALHO

DEPOIS de enterrarem a Confederação Operária Pan-americana e a Confederação Inter-americana do Trabalho, por julgá-las ineficientes e sem prestígio entre os trabalhadores latino-americanos, os líderes reacionários que se encontram à frente da A. F. L. e da C.I.O. criaram a Organização Regional Inter-americana dos Trabalhadores.

A O. R. I. T. praticamente nasceu morta e, como cadáver, continua a ser velada pelos pelegos mais desacreditados do Continente. Essa sucursal da CIOSL em nosso hemisfério tem por finalidade freiar o movimento sindical, dividi-lo, e ajudar a política de guerra e de colonização dos imperialistas lanques.

Com tais «credenciais» a ORIT não desperta interesse aos trabalhadores e só pode mesmo arrebatar os França, Holanda Cavalcanti, Ramualdi e tantos outros aventureiros e fascistas.

Dai o II Congresso Regional da ORIT ter sido um fracasso e não ter despertado o menor interesse entre os trabalhadores brasileiros. De nada valeiam os dólares americanos e o dinheiro de imposto sindical gastos em milhares de cartazes e farta propaganda nos rádios e jornais para atrair a atenção da massa operária. Tão flagrante é o desprestígio dessa organização nos meios sindicais que o jornal do sr. Carlos de Lacerda, que dias antes abria suas páginas prognosticando amplo êxito do conclave, se viu na contingência de reconhecer o seu fracasso escrevendo: «Que podemos nós brasileiros esperar do Congresso da ORIT quando estamos representados por autênticos pelegos?»

Esse indiferentismo dos trabalhadores não se verifica por acaso. A ORIT não lhes desperta atenção porque o seu programa e seus objetivos nada têm de comum com os objetivos do movimento sindical latino-americano.

Haja visto os discursos pronunciados no dia da instalação. O pelégo França encheu-se de elogios ao «sindicalismo de Vargas» e, durante quase uma hora, procurou convencer os seus ouvintes que temos a melhor legislação social do mundo, etc; Segadas Viana repetiu os mesmos chavões de sempre para concluir que os brasileiros «vivem em regime que assegura a mais absoluta liberdade sindical»; J.H. Oldenbroek secretário-geral da CIOSL, repetiu os argumentos monótonos e estafantes que estamos fartos de ouvir sobre o anti-comunismo e o histerismo guerreiro.

No mesmo modo se processam as sessões plenárias. O que memos ali se discute são os problemas da classe operária e os assuntos de inte-

resse para as nações de nosso Continente. Para esses pelegos todo o movimento democrata e progressista que aspire à independência política e econômica de nossos países semi-coloniais significa «comunismo». As palavras «imperialismo» e «colonização» são evitadas em seus discursos ou capciosamente destruídas. Nenhum pronunciamento contra a penetração dos trustes na nossa economia foi ali discutido, muito embora, eles saibam que a maioria das nações latino-americanas encontra-se sob o domínio do capital colonizador anglo-americano.

Dizem-se «apolíticos» para evitar qualquer pronunciamento sério sobre a luta anti-imperialista e em defesa da paz de nossos povos, no entanto, não perdem ocasião para atacar a União Soviética, os países de democracia popular e defender abertamente a política dos governantes lanques.

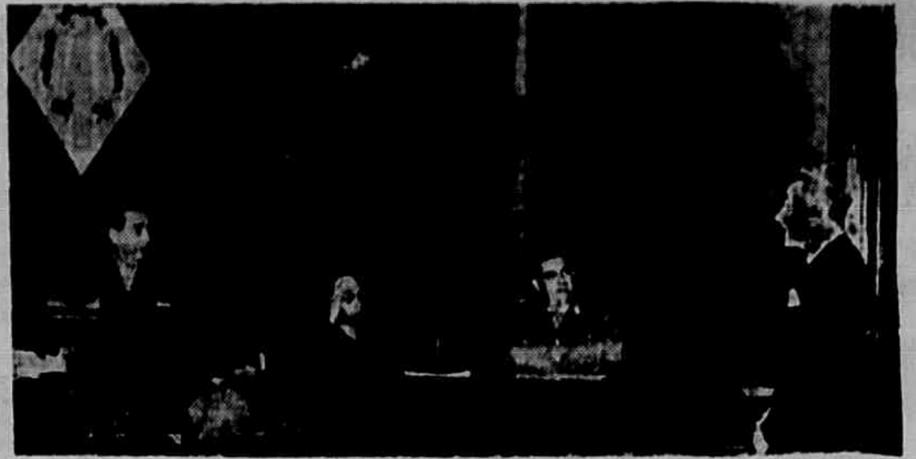
Em virtude, os dirigentes da ORIT estão encarregados de desenvolver em nosso continente a política do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Por isso, procuram não atacar o imperialismo, não apoiar eficazmente a luta operária dos países coloniais e semi-coloniais e não ajudar os movimentos de emancipação nacional de nossos povos.

Como bons agentes que são dos plutocratas de Wall Street defendem a aplicação do Ponto IV da «Doutrina» Truman e os Pactos Militares bilaterais o que quer dizer a completa subordinação política, militar e econômica de nossos países aos militares e aos trustes norte-americanos.

As manifestações de protestos verificadas no VII Congresso dos Trabalhadores de Minas Gerais, no sindicato dos sapateiros do Distrito Federal; entre os têxteis carioca em greve em outras entidades sindicais de todo país são uma demonstração clara e evidente de que não estamos dispostos a aceitar de braços cruzados esse Congresso fantoche de agentes descarados do imperialismo.

ELIAS CHAVES NETO faz sua própria defesa diante de um Tribunal Militar em São Paulo. Durante mais de onze meses esteve preso, suscitando sua detenção energicos protestos populares e de diferentes organizações de advogados e jornalistas. A 10 do corrente, o Tribunal Militar absolveu-o bem como a seis outros jornalistas do diário paulista

«Hoje», acusados de haver divulgado «segredos» militares. Que «segredos» eram esses? Nada menos que a sinistra conspiração para o envio de soldados brasileiros à Coreia. Um dos acusados, porém, foi escolhido para bode expiatório. Trata-se do jornalista Francisco de Paula Campos Oliveira, contra cuja condenação a 3 anos de prisão começaram a elevar-se protestos no país.



★



Cidadão coreano com a face desfigurada pelas queimaduras provocadas pela bomba americana «napalm». O uso dessa arma covarde deve ser proibido — reclamam influentes personalidades de todo o mundo, inclusive dirigentes da Igreja Anglicana



Farhat Hached, de 39 anos, secretário geral da União Geral dos Trabalhadores Tunisianos, barbaramente assassinado pelos colonialistas franceses. O crime provocou violenta onda de protestos em todo o norte da África

Ainda há tempo de salvar estas vidas!



Ethel Rosenberg, com as mãos algemadas, estreita-se num beijo carinhoso, antes de voltar às suas celas. Este jovem casal de judeus americanos está condenado à morte. Sua electrocução está marcada para a semana que começa a 12 de janeiro. Todas as apelações feitas pelos advogados da defesa para que a pena seja anulada ou comutada tem resultado nulas. Só o sr. Truman, agora, poderá impedir que eles sejam mortos. Apelemos. Protestemos!

A Arvore de Natal erguida pelo Prefeito na Cinelandia pegou fogo.

Tinha havido banda de música, discurso, cantoria. Algumas dezenas de «barnabês» fitavam de olhar parado os 25 metros de arvore com lâmpadas coloridas. No discurso disseram que naquele momento era entregue ao povo a Arvore de Natal, símbolo de cristandade e dos sentimentos da «nação brasileira». Na verdade a arvore foi entregue, mas não muito, pois não se pode nem aproximar a mão dos seus galhos. E' assim tudo o que o governo dá ao povo. Em compensação, mal o Prefeito se retirou, deu o vento na roseira, quer dizer, na arvore. Duas lâmpadas se chocaram, explodiram, e o fogo começou. Veio a polícia, vieram bombeiros, e o espetáculo durou pouco.

Acontece que no meio da confusão é posto em liberdade o espião nazista Wilhelm Koepff. Todos os espiões andam soltos. Para onde vai o espião Wilhelm? Para a Alemanha, ora essa, a Alemanha de HERR Adenauer. Telegramas de Berlim anunciaram que em um bar da zona ocidental estiveram reunidos quinze generais nazistas (criminosos de guerra postos em liberdade) concertando planos para uma nova guerra. Anda tudo solto.

Tiro ao Alvo

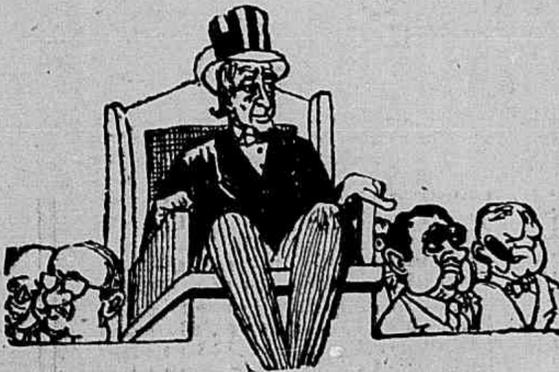
EGYDIO SQUEFF

Jan Reisse!, Assis Chateaubriand e outros, também com planos de combate ao comunismo e «por uma Europa Livre» — como os ex-generais de Hitler reunidos em Berlim. O almirante Pena Botto não compareceu, mas deixou uma ordem do dia dizendo que a guerra vem aí, e que a situação é muito mais tensa do que se pensa. Assim, com rima e tudo. Aqui no Brasil — acrescenta — há miséria, sem duvida, mas há liberdade!

Em termos, sr. Botto, em termos, pois aquela mulher que o senhor quis arrastar para o seu quarto no Hotel Bahia, em Salvador, botou a boca no mundo. Não concordou em salvar a civilização cristã da maneira como o almirante queria.

Depois vem este trecho na ordem do dia: «Um vento deletério sopra sinistramente das estepes russas».

Será o vento que fez pegar fogo na Arvore de Natal?



O verdadeiro presidente do Congresso dos fantoches

7 DIAS NO BRASIL

DETIDA A MARE'

E O «ACÓRDO» não foi aprovado! Fracassaram os esforços dos agentes americanos, convocando sessões de manhã, à noite e até no domingo. O povo os fez recuar, deteve a traição. Nos últimos dias da sessão legislativa, o Palácio Tiradentes se encheu de povo, multiplicaram-se as comissões de patriotas de todos os setores que foram transmitidas aos deputados o «Não do povo brasileiro ao «acórd» de guerra. E do Brasil inteiro, chegaram novos protestos populares: dos líderes sindicais do Pará, do VII Congresso dos Sindicatos de Minas, dos trabalhadores, dos jovens, dos advogados, enquanto o povo nas ruas manifestava a sua revolta puxando o novo edifício da embaixada americana com a inscrição: «Abaixo o Acórdo Militar! Paz! Paz!».

Na Câmara Morena e outros defensores do Brasil resistiram até o último minuto, apoiados pelo povo. Os partidários da paz ganharam mais um mês. Uma boa vitória, que poderá se transformar numa grande vitória se a luta crescer muito mais, se, em janeiro, uma imensa avalanche humana barrar definitivamente a maré da traição.

FANTASMAS

O RIO se encheu de «pelegos». Um congresso de sindicatos livres... de trabalhadores: o Congresso da ORIT, ramo da CIOISL, repartição da Wall Street.

Juntaram-se pelegos de Cuba, Uruguai, Argentina e de outros lugares no Cassino Atlântico, sob a égide da «Coca-Cola». Vieram também os americanos, alguns, grandes burgueses, como John Lewis, acionista da «United Mine Workers». Sem falar na prata da casa, gasta e desmoralizada. Puseram-se todos a tomar «Coca-Cola», fumar charutos e a falar num inglês de lacaio. Tomaram decisões a favor do «rearmamento», do «Ponto IV» e de outras «reivindicações» de seus patrões imperialistas, tudo à custa do dinheiro roubado aos operários.

Os trabalhadores do Continente repeliram, com repugnância e revolta, esse conclave de pelegos e fantasmas. A C.T.B., fulminou-os num manifesto como agentes da exploração mais intensiva dos trabalhadores e da política belicista dos anglo-americanos, levantando bem alto a bandeira da unidade e da luta em torno da F.S.M. e da C.T.A.I.

ELEIÇÕES

ELEIÇÕES em várias entidades e também para prefeito de Maceió. Na Associação Médica do Distrito Federal a chapa «anti-comunista» organizada com o apoio de todos os poderes, inclusive o da imprensa sadia, sofreu uma derrota fragorosa: 882 X 381. Os vencedores, encabeçados pelo prof. Ermiro Lima, prosseguirão na luta pelo aumento para os médicos. Nos bancários, venceu a chapa de um senhor do City Bank. Mas o bloco dos comunistas e outros democratas recebeu 1.600 votos, apesar de uma das mais deslavadas ondas de provocação já desencadeadas. E em Maceió venceu o candidato de oposição a prefeito da capital alagoana. O governo tudo fez para impedi-lo, inclusive dizendo que a vitória do sr. Lucena seria a vitória do comunismo. Resultado: O sr. Lucena ganhou a eleição.

BANCARROTA

SALDO de fim de ano do governo Getúlio: o país em bancarrota. Quem o diz? — os próprios candidatos a cozeiros da Nação, através do ministério da Fazenda e do insuspeitíssimo sr. Israel Pinheiro, presidente da Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados. Este, apresentando o relatório oficial de fim de ano, confessa que, de outubro de 1951 a outubro de 1952, os gêneros subiram, no Distrito Federal de 47%. Diz que a «inflação não foi detida» e que hoje, para comer, temos de importar gêneros do estrangeiro. Diminuíram as exportações, não temos dólares, os importadores estão «pendurados» nas firmas americanas.

Comentando esse panorama sombrio, dizem os jornais que o Brasil está em bancarrota. Não é bem o Brasil, mas seus dirigentes, toda essa camarilha de negociastas e latifundiários que de há muito perdeu o sentimento nacional. O povo, porém compreende cada vez melhor que há um remédio para todos esses males: é o próprio povo — através de seus chefes provados — tomar o seu destino em suas próprias mãos.

TRABALHADORES MINEIROS

GETULIO foi lá, deitou falação, presidiu a sessão inaugural, mas não adiantou. A classe operária estava presente ao VII Congresso Sindical de Minas Gerais. Trabalhadores de todas as tendências, inclusive representantes de 40 círculos católicos aprovaram importantes resoluções como: abono de Natal, contra as intervenções policiais-ministeriais nos sindicatos, rebaixamento dos preços, entrega de terras aos camponeses, sindicalização do funcionalismo, repúdio ao projeto Mangabeira, repúdio ao conclave de pelegos do O.B. I.T., realização de um congresso nacional sindical e fundação da União Sindical de Minas.

Ao lado disso, o Congresso manifestou sua repulsa ao «Acórd» militar e à entrega do petróleo à Standard, através da «Petrobrás». Os congressistas solidarizaram-se com os têxteis grevistas do Rio e prestaram homenagem ao mártir Altair Paula Rosa.

ABONO, TRADIÇÃO DE COMBATE

1945, DERROTA DO NAZISMO, MARCA AS PRIMEIRAS LUTAS PELO ABONO

O ANO de 1945 é um marco na tradicional luta pelo Abono de Natal. Antes desse ano, o abono era concedido somente a uma minoria de funcionários burocráticos. Mas a partir de 45 para cá Abono de Natal quer dizer luta.

Por que o 1945 é considerado o marco dessas lutas? Porque é o ano de fim da II Grande Guerra, quando se deu a vitória dos povos contra os nazi-fascistas que incendiaram o mundo, vitória essa que abriu caminho para novas conquistas da classe operária. Nessa guerra, os patrões tiraram lucros fabulosos, imensas fortunas foram construídas enquanto os operários trabalhando 10, 12 e mais horas diárias tendo os seus salários congelados, não podiam protestar porque estavam sujeitos às leis de guerra, e poderiam ser submetidos a tribunais militares.

Com o fim da guerra, a luta pelo Abono foi o meio que os operários acharam para aumentar os seus míseros salários que vinham recebendo há vários anos. De lá para cá, de ano para ano, a luta se intensifica porque os patrões aumentam cada vez mais os seus lucros, sonhando com uma nova guerra para poderem explorar mais ainda.

A GREVE PARALIZOU S. PAULO

A Campanha que atingiu todo o Brasil fez com que, certos industriais pagassem o Abono enquanto outros se negaram a reconhecê-lo. Em S. Paulo, onde o movimento de 1945 obteve grande envergadura, milhares de têxteis foram à greve dentre os quais os da Fiação e Tecelagem Assad que enfrentaram a polícia em protesto contra a migalha de 200 cruzeiros, exigindo 200 horas de Abono. Em 27 de dezembro o pessoal do tráfego, oficinas e escritórios da Light em S. Paulo entrou em greve de protesto contra a revogação do decreto no. 8.421, recém-promulgado, que lhes concedia o Abono. Essa greve que durou 3 dias paralisou todo o tráfego da cidade, não obstante a reação desencadeada. No final de contas, a Light teve de pagar o Abono. A classe operária, saiu vitoriosa nos primeiros embates pelo Abono.

E A BATALHA PROSEGUIU

O Abono passou a ser consagrado como uma reivindicação dos trabalhadores. Estes precisavam dele e os industriais que obtinham lucros enormes podiam pagar. Em 1946, com as experiências das lutas do ano

anterior, a classe operária se uniu e se organizou mais fortemente e, com mais antecedência, preparou a campanha. Em quase todas as empresas se organizaram Comissões pró-Abono, foram feitos memoriais aos patrões. Em fábricas de tecidos como a «Carioca», os patrões pagaram 100 horas de Abono de Natal. Na Light do Distrito Federal, uma grande Comissão apoiada pelos milhares de trabalhadores, dirigiu a luta com êxito. Mas, nos anos seguintes se travariam lutas maiores ainda para forçar os patrões a respeitarem os direitos e reivindicações de Natal e Ano Novo.

GREVES MEMORÁVEIS

Quem não se lembra da grande greve dos ferroviários da Central do Brasil em 1949, que movimentou amplas massas de trabalhadores? 17 mil ferroviários paralisaram totalmente o tráfego e as oficinas, durante 9 dias, em virtude de o governo lhes haver negado o Abono. Esse movimento recebeu a solidariedade dos demais trabalhadores e de todo o povo. Em Lafayette, os ferroviários precisavam de piquetes para manter a greve firme, contra os furadores de greve. Recorreram aos trabalhadores das minas de

manganês. Não só estes vieram ajudar os grevistas, como também suas mulheres em número de mil que ocuparam durante vários dias e noites a linha, para substituir os ferroviários. Que belo exemplo! Mineiros e suas famílias lutando lado a lado com os seus irmãos ferroviários.

Como resultado dessa luta o Abono veio, pouco tempo depois. Em 1950, grevistas importantes se deram como a dos tranviários da Carris Portoaletrense, no Rio Grande do Sul, exigindo o Abono e que finalmente foram vitoriosos e a do Lanifício Minerva em S. Paulo onde a Comissão, depois de haver concedido um prazo aos patrões, recebeu destes uma resposta negativa e soube que os mestres e lacaio haviam recebido gordas gratificações. Foi, entretanto, no ano passado que as massas operárias se organizaram melhor e desencadearam lutas como as dos 11 mil têxteis e 5.500 metalúrgicos de São Paulo. Formando as Comissões de empresas, promovendo assembleias nos Sindicatos, dirigindo memoriais e abaixo assinados aos patrões e à Federação das Indústrias eles prepararam a conquista do Abono.

MEIO MILHÃO EM LUTA

E, hoje, Gornio, o mesmo homem que durante a guerra favoreceu os grandes industriais na obtenção dos fabulosos lucros, o tirano que decretou a miséria para os trabalhadores, está exigindo — a aprovação do Acórdo Militar. Enquanto isso, manda que a sua maioria na Câmara negue o Abono.

Neste momento, as vespas de Natal, centenas de trabalhadores exigem o Abono de Natal. Operários de cerca de 200 empresas de S. Paulo, organizaram-se em suas Comissões de fábricas e afluíram às assembleias dos Sindicatos. Cerca de meio mi-

lhão de trabalhadores, força poderosa, dirigem-se em memoriais à Federação das Indústrias e, aos patrões, para uma resposta num prazo curto.

TEXTEIS NA VANGUARDA

No Distrito Federal, a luta prossegue firme. Cerca de 30 mil operários estão em greve, não só por aumento de salários que lhes foi negado pelo Tribunal a serviço do governo e dos patrões mas também pelo Abono de Natal. Trata-se de uma das maiores greves dos últimos tempos e que ganha a solidariedade de todos os trabalhadores e das mais variadas camadas da população não só da Capital Federal como do país inteiro. Mais de mil têxteis de Campos, no Estado do Rio, se declararam em greve que envolve aumento de salários e Abono. O proletariado não está disposto a ceder ante a intransigência patronal. As lutas já em início mostram a combatividade de que estão possuídos os trabalhadores de norte a sul do país.

ELES PODEM PAGAR E HÃO DE PAGAR

Os lucros dos industriais não cessam de subir através dos anos. Como ocorreu durante a guerra em que a exploração se acentuou, agora também os lucros são enormes. Na indústria têxtil principalmente onde trabalham cerca de 300 mil operários em todo o Brasil, os magnatas nadam em ouro. Silveirinha — promotor da bacanal de Corbeville — que tirou 90 milhões de cruzeiros em lucros, Rocha Faria e Seabra, 53 milhões, Lundgren outros tantos milhões, negam aumento e abono aos operários que, corajosamente lançam mão de sua arma — a greve — para conquistá-lo. Os patrões, hoje como os anos anteriores, podem pagar o abono, e os trabalhadores tudo farão por conquistá-lo.



Na rua Quintino Bocaiuva, em pleno coração de S. Paulo, esta criança contempla, a um tempo com curiosidade e interesse, o vistoso Papai Noel. E' uma pobre criança, mas decerto estará adivinhando: «Papai Noel nada terá para mim.» Que pai não irá dar pelo abono, poupando ao seu filho tão grande sofrimento?

SEGADAS PUXOU O APITO, MAS A GREVE CONTINUA...

A rinha dos patrões e a briga do pelego Segadas Viana com os pelegos do Tribunal Superior do Trabalho mostram que é hora de atacar

A poderosa greve dos têxteis, ao entrar agora na sua segunda quinzena, torna-se cada vez mais sólida. Os trabalhadores em luta aumentam seu entusiasmo e combatividade vivendo a greve como se fossem soldados num grande batalhão. O sindicato parece um formigueiro onde dia e noite entram e saem trabalhadores não só das fábricas de tecidos como de outros ramos industriais. Estudantes, jornalistas, representantes de associações e sindicatos ali não levam auxílio, acompanhar a marcha do movimento. O entusiasmo envolve a todos os que, ao lado dos têxteis, vivem a importante luta desejando que a vitória seja conquistada.

A RINHA DOS EXPLORADORES

Somente, os industriais e os homens do governo estão combatendo encarnadamente a greve dos têxteis. Tudo, porém, é feito para abater o moral dos operários. Desde os massacres e prisões até as insinuações dos demagogos e inimigos do proletariado. Desde os boatos falsos de retorno dos operários às fábricas até as ameaças de intervenção no sindicato. Mas, a unidade e a organização dos têxteis, em suas comissões de empresa e no Sindicato, estão provocando rixas entre os exploradores — a briga de Silveirinha com os outros componentes do Sindicato patronal; a disputa do Tribunal Superior do Trabalho com o pelego Segadas Viana. Eles, no seu afã de roubar os trabalhadores caem em contradições à cerca do julgamento do dissídio, porque os têxteis estão firmes. Quando a classe operária se une e se organiza leva o pânico à burocracia que tudo procura fazer para salvar a sua situação. Agora, os industriais de tecidos recorrem ao governo exigindo medidas mais enérgicas, além dos crimes que já têm sido cometidos, para acabar com a greve.

P. T. B. — PARTIDO DA POLÍCIA

Nessa luta, o P.T.B. — O partido de Getúlio não entra de frente para iludir os têxteis. Procura fantasiar-se como camaleão que muda de cor, para agir. É o caso do Coronel que vai ao Sindicato para, em nome do exército,

propôr-se como intermediário entre patrões e operários para dar fim à greve. A solução que este senhor quer encontrar é a que mais interessa aos patrões. Segadas Viana, também do P.T.B., ministro do trabalho de Getúlio e advogado da Standard Oil, alou-se a Silveirinha para forçar os têxteis da «Bangu» a retornar ao serviço. Assim é que ele próprio foi puxar o apito da fábrica. A diretoria do Sindicato foi levada por Gurgel do Amaral à presença do presidente do P.T.B., João Goulart, vulgo Jango, ocasião em que levantou uma denúncia protestando contra a atitude de Segadas Viana que estava iludindo os têxteis da Bangu para fazê-los trabalhar, contra a polícia que forçou muitos operários daquela fábrica com revólveres e casaca-fetes a trabalhar, contra as perseguições e prisões nas fábricas e nas ruas. Mas, o que respondeu Jango aos trabalhadores? Como um autêntico policial mandou-os conversar com o delegado da Ordem Política e Social, sem se referir, nem de longe a luta que travam os têxteis por aumento de salários e abono, sem dar ouvidos aos seus protestos e reivindicações. Quanto os milhares de têxteis souberam do caso, ficaram indignados. Como é que esse indivíduo, sabendo que Altair foi fuzilado pelas costas pela polícia, outros tantos continuam feridos, que essa mesma polícia continua prendendo e espancando têxteis aconselha entendimento com os tiras da Ordem Política e Social, enquanto procura dividir os têxteis, falando contra agitadores? Jango não passa de um policial e, o P.T.B. uma organização ligada à polícia.

CR\$ 200.000,00 DE SOLIDARIEDADE

Mas, a classe operária não teme a polícia porque além da sua unidade conta com a solidariedade dos trabalhadores e de todo o povo brasileiro. Mais de 200 mil cruzeiros já entraram para os grevistas. Partem diariamente de 35 a 40 Comissões que se distribuem pela cidade, em busca de auxílio. Através das Comissões de cada empresa, a Comissão de Greve faz a distribuição de alimentos e auxílios, aos mais necessitados e às suas famílias. De outro lado, os sindicatos correm listas, muitos trabalhadores dão dias de salários. Para se ter uma idéia do que é a solidariedade aos grevistas, basta saber do seguinte fato: os condutores e motoneiros da

Light, no dia 17, mal haviam recebido o seu pagamento, saíram às pressas para entregar a sua ajuda no Sindicato. Durante as eleições no Sindicato dos alfaiates, coletou-se dinheiro para greve.

AS TECELAS NA LINHA DA FRENTE

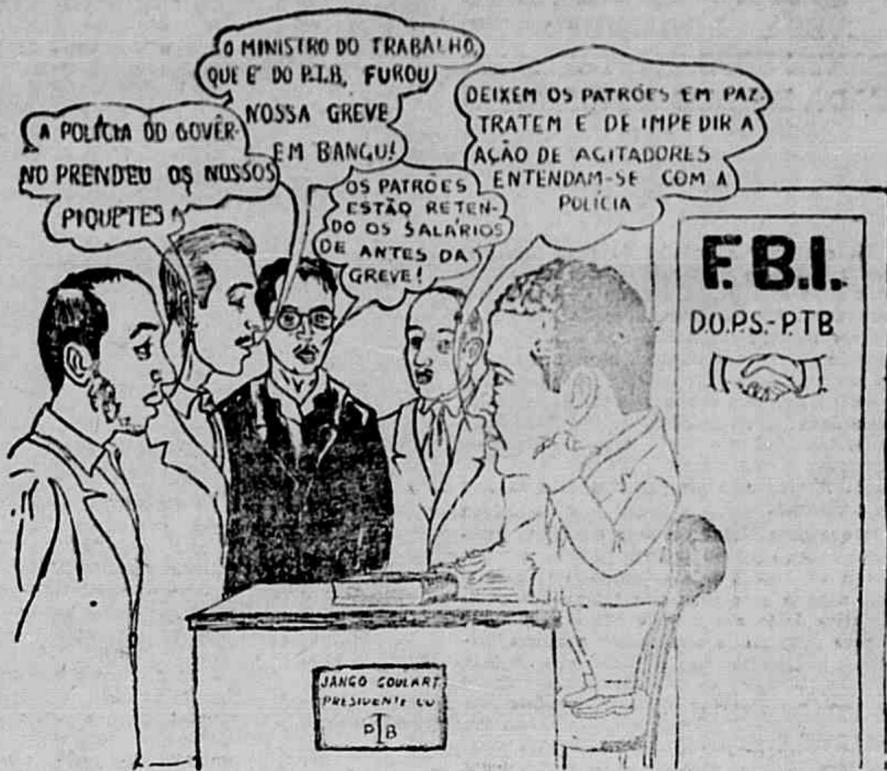
O trabalho das operárias é entusiasmante. Mais de 200 mulheres trabalham ativamente nas comissões e dentro do Sindicato. Quando termina o trabalho de distribuição de alimentos, de lavagem dos pratos, etc. elas partem para a rua com um ar de combatividade sem limites. Elas sentem a responsabilidade que lhes cabe nessa luta contra tantos operários que desde o primeiro dia de greve pouco têm dormido, apenas algumas horas reservam para o sono e, logo cedo, no dia seguinte lá estão elas de pé para uma nova jornada. Que exemplo digno, para as mulheres brasileiras!

O TIRA CORREU ...

Fatos que demonstram a unidade e a vigilância dos têxteis são demonstrados de momento em momento no Sindicato. Os policiais não têm coragem de penetrar no recinto a não ser disfarçados em «jornalistas». Há poucos dias, dois trabalhadores conversavam atacando o nauseabundo Chateaubriand quando um indivíduo se dizendo jornalista, interveio em defesa desse vende-pátria que está negando aumento aos jornalistas. Nesse momento foi-lhe pedida a carteira do sindicato ou a profissional. O «jornalista» não tinha tal documento e evidou a exigência com a acusação de que eles eram comunistas, falando alto para as centenas de têxteis presentes. Josias que estava perto, esbarrou no «tira» que cambaleou. Com esse gesto, a massa avançou para cima do homem que escapou pelas escadas e foi-se embora. Não adianta ao Jango fazer ameaças contra os comunistas quando os trabalhadores sabem quem são os seus inimigos.

E' HORA DE ATACAR

A luta prossegue. A unidade dos têxteis se robustece enquanto surgem brechas no campo inimigo, do lado dos patrões e do governo. De que se trata, então? Trata-se de cerrar fileiras no Sindicato, impulsionar a greve para a frente. Quando o inimigo vacilar, é hora de atacar. Assim se conquista a vitória.



Recebendo uma comissão de têxteis grevistas, o Sr. Jango Goulart, presidente do P.T.B., encaminhava-os ao Departamento de Ordem Política e Social, para que ali discutissem e resolvessem seus problemas... (Dos jornais desta Capital)

A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL Dos Têxteis se Pronunciou Pela Paz

YOLANDA PICINGHER

DELEGADOS de 29 países, reunidos na II Conferência Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis e do Vestuário, em Berlim, lançaram um veemente apelo aos trabalhadores do ramo em todo o mundo para lutarem contra a guerra e participarem ativamente das tarefas a serem desenvolvidas em cada país em prol do Congresso dos Povos, que está reunido em Viena.

Liz o apelo, a certa altura: «A nova guerra mundial que os imperialistas norte-americanos estão desenvolvendo, acarretaria miséria e privações para milhões de trabalhadores. A humanidade teria que padecer a todos os sofrimentos da guerra que os imperialistas norte-americanos estão impondo ao pacífico povo coreano.»

Dos debates calorosos travados na II Conferência concluiu-se que o desemprego alarmante existente na Itália, na Holanda, na Suíça, na França, etc. — desemprego que atinge largamente o setor têxtil — é o resultado direto da política de guerra conduzida pelos governos desses países e imposta pelo imperialismo norte-americano. Essa é uma consequência necessária do «plano Marshall», plano que visa abrir mercados para os produtos americanos e não satisfazer às necessidades dos povos da Europa. Esse desemprego em massa, além de constituir uma seria pressão no sentido das rebaixas de salários, dá uma perigosa base para o renascimento do fascismo.

O apelo a favor da paz da Conferência Internacional dos Têxteis não pode deixar de ter ampla repercussão no Brasil, já que neste momento a ameaça de nos vermos arrastados a uma criminoso guerra de agressão se torna ainda mais grave com a tentativa do governo de impor ao país o chamado «Acordo de Assistência Militar» com os Estados Unidos. Os trabalhadores têxteis e do vestuário e os seus Sindicatos já têm em suas mãos as resoluções da II Conferência Internacional. Cumpre agora levá-las à prática, manifestando-se por todas as formas contra o famigerado acordo, através do qual os imperialistas pretendem arrancar a nossa juventude das fábricas, dos campos das repartições públicas, dos lares, de toda a parte, para conduzi-la, como gado de corte, para os campos de batalha da Coreia.

O acordo militar atenta contra a nossa Carta Magna que proíbe a propaganda de guerra. O acordo encabece a entrega total aos imperialistas das nossas riquezas minerais e de todas as matérias primas indispensáveis à produção de guerra. O acordo coloca o comércio exterior brasileiro sob o controle das forças econômicas americanas, exige o sacrifício da vida de paz em benefício da indústria de guerra, criando condições para a transferência de milhares de milhares de trabalhadores. Só em São Paulo estão ameaçados de desemprego neste momento 20.000 trabalhadores têxteis.

Cabe aos trabalhadores têxteis e do vestuário, seus sindicatos e demais organizações, levar à prática, neste período de tempo o Apelo resolvido na II Conferência Internacional, concentrando nessa atividade na exatidão necessária os trabalhadores do perigo que representa a ratificação pela Câmara e pelo Senado desse acordo já assinado pelo poder argentino.

Nesta hora suprema, em que a vida de nossa pátria está diretamente ameaçada, cumpramos o juramento que, através de nossas delegações, fizemos no Festival da Juventude, realizado em Berlim em agosto de 51, na Conferência Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores Têxteis e do Vestuário, realizado em Berlim em outubro de 1952, na Assembleia Nacional de Mulheres realizada recentemente em nosso país, e em todos os Congressos de Paz nacionais e internacionais, de defender intransigentemente a Paz, de não colaborar em nenhuma guerra de agressão a qualquer outro povo ou país, de defender com a nossa própria vida a vida de nossos filhos, a vida de nossa juventude, de exigir o respeito à soberania do nosso país.

Façamos chegar aos parlamentares os nossos mais veementes protestos, partidos das fábricas e dos sindicatos, contra a ratificação do Acordo Militar. Exijamos que o governo adote uma política de paz, uma política de defesa da soberania nacional, de relações comerciais com todos os países do mundo. Reforcemos, neste processo, nossas organizações profissionais e nas empresas e unidade internacional dos trabalhadores têxteis e do vestuário, dando cumprimento assim ao apelo da nossa II Conferência Internacional.

O Povo Venceu a Primeira Batalha

A PRESSÃO DAS MASSAS IMPEDIU A APROVAÇÃO DO ACÓRDO MILITAR EM 1952 — AGORA CADA DEPUTADO DEVERÁ RESPONDER PERANTE SEUS ELEITORES EM CADA ESTADO E MUNICÍPIO



Na encarnizada batalha do povo brasileiro contra o Acórdo Militar de Getúlio com os imperialistas americanos, surgem os primeiros resultados. Os inimigos da nação não conseguiram aprovar ainda este ano o infame tratado de guerra, não obstante os rios de dinheiro gasto pelos americanos com propaganda nos jornais burgueses, com o suborno de ministros como João Neves, da Standard Oil, Góes Monteiro, Guillobel e outros, com a compra de deputados e com o controle da polícia pelo F. C. I. A reação, nessa primeira fase da luta foi derrotada.

O que para Getúlio e seus cúmplices parecia uma simples cação de polícia, a passagem do Acórdo pela Câmara se transformou num inferno para eles graças à vigilância ativa de todo o povo, o que evidencia que o povo pode muito bem vencer a última cartada.

A VERDADEIRA MAIORIA É O POVO

Na Câmara, devido à força e à pressão popular que aumenta, cresce o número de deputados que fugiram ao monstro. Campos Vergal, Lima Figueiredo, Hélio Cabal e Morena que se tem batido como um leão, entre outros, são os obstáculos que se interpõem à vontade do vende-pátria. Mas, a corrente parlamentar contra o acórdo ainda é a minoria e sozinho não poderá impedir o crime. A verdadeira maioria, a força que irá decidir a discussão, é o povo que, ganhando as ruas, imporá irremediavelmente a sua vontade, enterçando o Acórdo.

O MOVIMENTO OPERÁRIO PESA NA BALANÇA

Enorme já tem sido a movimentação do povo contra o Acórdo. Hoje em dia, raras são as pessoas que ainda não tomaram conhecimento dessa trama sinistra. A classe operária, os jovens, as mulheres que se vêem ameaçadas com a participação do Brasil na guerra da Coréia, reagem e lutam. Dezenas de sindicatos e associações operárias fazem assembleias e enviam memoriais e telegramas aos deputados. É o caso da assembleia do Sindicato dos Trabalhadores em Vidros que unanimemente repudiou o Acórdo. O Congresso dos Trabalhadores Mineiros, ao qual compareceram mais de 90 organizações sindicais do Estado manifestou-se contra o Acórdo. Mas, a manifestação mais impressionante da classe operária foi realizada pelos milhares de textéis cariocas que ora estão em greve. Partindo da concentração do T. S. T. que lhes negou o aumento e os conduziu à greve, eles seguiram em passeata de mais de 6 mil operários que lotaram a frente e as imediações da Câmara Federal para protestar contra o Acórdo, levando um memorial de mais de mil assinaturas. Essa manifestação impressionante influiu na marcha dos acontecimentos, estimulou a resistência parlamentar e alarmou os «cabrestos» de Capanema.

JOVENS ABREM AS PORTAS DA CAMARA

Os jovens tem dado sua contribuição a esta grande luta. O Encontro de Confraternização da Juventude realizado no Rio cimentou entre eles a luta pela paz e contra o Acórdo Militar. Anteriormente, a Câmara estava realizando sessões a portas fechadas. Numa dessas noites cerca de 500 jovens foram à Câmara e ficaram em torno do edifício, manifestando-se contra o acórdo. Havia sessão secreta para decidir sobre o acórdo militar. Quando os deputados saíram, estes foram assediados pelos jovens, que se fizeram acompanhar da Escola de Samba Pedro Ernesto. No dia seguinte em diante as portas da Câmara foram abertas e dezenas de Comissões ali foram levar seu protesto. Na última sessão, quando eles pretendiam entrar o Acórdo de qualquer maneira, lá esta-

vam os jovens nas galerias, durante todo o dia, embora se tratasse de um domingo em que se disputava uma importante partida de futebol na cidade, o clássico Vasco x Flamengo. Vieram jovens, inclusive do Estado do Rio. Quando se reiniciou a sessão à noite, voltaram os jovens com sanduíches e até um rádio, enquanto prestavam atenção aos debates. Um enorme pacote de listas cheias de assinaturas foi entregue aos deputados Celso Pezanha e Campos Vergal que ao recebê-lo pronunciou calorosas palavras, sendo muito aplaudido.

O POVO GANHA AS RUAS

Já se realizam importantes atos públicos. No Distrito Federal, no dia 19 de novembro, num ato na ABI, o coronel Salvador Corrêa de Sá e Benevides declarou a respeito da data: «Nossa

bandeira nacional não abrigará esse Acórdo». Quase às vésperas do encerramento da legislatura a polícia cercou o auditório da ABI e não deixou que se realizasse uma manifestação contra o acórdo. Mas, a onda cresce por todo o Brasil e não é com proibições dessa natureza que Getúlio esconderá do povo a sua trama. Menos de uma semana depois, o ato realizou-se com grande êxito. Lá no norte, em Belém, realizou-se um comício monstro que dá bem a idéia da movimentação do povo brasileiro. Milhares de pessoas acorreram à Praça do Relógio para ouvir deputados e outras personalidades contra o Acórdo, a Petrobrás e pela Paz. As câmaras municipais de inúmeras capitais e também das cidades do interior se manifestam. Dentre elas se destacam as de Recife, João Pessoa, Niterói, Goiânia e Distrito Federal que se manifestaram em telegramas à Câmara Fede-

ral contra o Acórdo com os incendiários de guerra ianques.

CONTRA O ACORDO JURISTAS DE TODA A AMERICA

No Distrito Federal realizou-se a importante Conferência Continental de Juristas, congregando nomes de maior projeção nas Américas. Dentre eles participaram do conclave, o vice-presidente da Guatemala e presidente do Congresso, Dr. Julio Estrada de la Hoz, professores e magistrados de diversos países. Do Brasil figuraram personalidades como os senhores desembargadores Henrique Fialho, Nogueira Itagiba, Narello Quelroz, José Patrocínio Galotti, Artur Marinho e João Bosco, senador Atílio Vivacqua, professor Noé Azevedo, Braz de Souza Arruda e Candido Mota, juiz Osni Duarte e outras importantes figuras. Inúmeros assuntos de interesses dos povos foram debatidos durante a Conferência, destacando-se a resolução tomada por unanimidade contra os Acordos Militares, cujo texto é o seguinte: «Considerando que os Acordos Bilaterais de Assistência Militar, tal como vem sendo elaborados, desvirtuam a função universal das Nações Unidas na solução pacífica das controvérsias internacionais e

importam em desigualdade de tratamento entre as Altas Partes Contratantes, resolve dirigir-se aos Povos da América, advertindo-os dos perigos que a aceitação de tais pactos bilaterais representam na sua formulação atual».

QUEM É FIEL AO SEU MANDATO

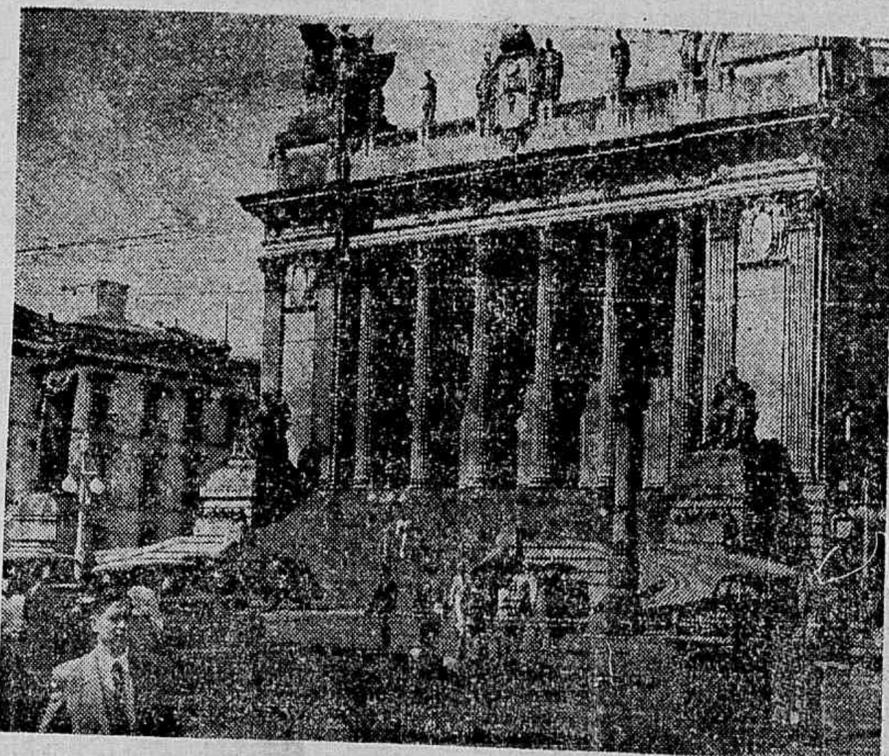
Esses fatos mostram por que o Acórdo não foi aprovado até o presente. De nada adiantaram os ordens do imperialismo e seu servil Getúlio, o discurso histérico e anti-comunista do fascista Cordeiro de Farias, o dessexero de Capanema e dos demais deputados, ou a agressão fracassada do queremista Ferrari ao deputado comunista Roberto Morena. Na Câmara pode-se ver quais são os homens fiéis à vontade dos seus eleitores. De um lado, o deputado Hélio Cabal que se colou ao lado dos que lhe deram os votos, combatendo intransigentemente o Acórdo. De outro lado, um Brochado da Rocha, que eleito pelos ferroviários de Santa Maria o maior centro ferroviário do sul do país, a defender com unhas e dentes o Acórdo Militar. Brochado da Rocha, líder da bancada do PTB, que para ser eleito visitou, casa por casa, hoje trai desvaradamente os trabalhadores. Os ferroviários preparam-lhe a manifestação de repúdio que merece.

QUE RESPONDAM DIANTE DE SEUS ELEITORES

Foi graças ao vigoroso e ativo apoio popular que alguns representantes na Câmara puderam vencer o grupo que serve aos americanos. As residências dos deputados foram milhares de telegramas e cartas. Agora, com o encerramento das sessões, esses deputados, em sua grande maioria, regressam aos seus Estados para passar as férias. Os patriotas em todas as cidades do país terão nesses 30 dias a oportunidade de procurá-los em suas residências para levarem seu protesto contra o Acórdo Militar. Todo tipo de iniciativa deve ser tomado no sentido de chamá-los a debate sobre esse assunto, tendo como participantes também as pessoas influentes do município e, principalmente, os que lhes deram votos. A Batalha continuará mais intensa ainda do que antes — mesas-redondas, comícios, protestos de Câmaras municipais, de sindicatos, de personalidades; envio de cartas e telegramas a Getúlio e ao Parlamento — para que, quando a 15 de janeiro próximo se reiniciar a batalha na Câmara, isto signifique a derrota definitiva do traícoiro plano de Vargas e seus lacaios, que visa entregar nossa pátria aos imperialistas americanos e enviar nossos jovens para morrer na Coréia.



ESTE É O PENTAGONO, o Departamento da Guerra dos Estados Unidos, onde se fabricam os planos de massacre de prisioneiros de guerra, de desencadeamento da guerra bacteriológica e de quantos atos criminosos os soldados americanos — os odiados G.I's — praticam onde plantam suas botas. As cinco faces do edifício, de onde o nome pentagono (polígono de cinco lados), representam as cinco armas. O próprio tamanho da obra atesta o peso do militarismo na política de Washington. Foi aí, no Pentagono, que os generais americanos elaboram o Acórdo Militar de guerra e colonização, contra que se ergue a consciência patriótica de milhões de brasileiros



ESTA É A CAMARA DOS DEPUTADOS, para onde convergem as atenções dos patriotas brasileiros. Um grupo de deputados, apoiados por um poderoso movimento de opinião, impediu até aqui que o Acórdo fosse ratificado. O fortalecimento e a elevação desses protestos a uma escala mais e mais energética conduzirá à derrota definitiva o Acórdo, livrará o Brasil desse estatuto colonial e guerreiro